

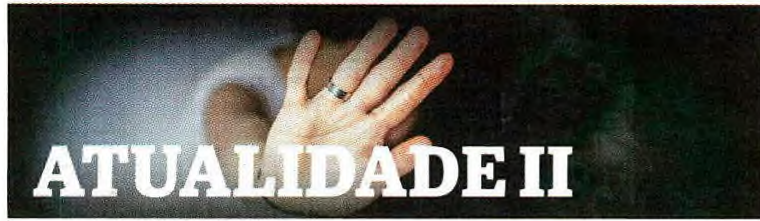
# Recortes de Imprensa

**Mai 2019**



Apoio:





ATUALIDADE II

**cm**  
**INVESTIGAÇÃO**  
**VIOLÊNCIA**  
**ESCONDIDA**
HOMENS | **DUAS VÍTIMAS POR DIA**

No ano passado, em média, dois homens foram agredidos por dia em contexto de violência doméstica, segundo um relatório da APAV. No total, contabilizaram-se 854 vítimas do sexo masculino. O número dispara em relação às mulheres: 14 vítimas por dia, num total de 5173 casos registados em 2018.

DRAMA

# Vive com medo da 'ex' e em terror psicológico

**VÍTIMA** Técnico do INEM, de 41 anos, denuncia agressões e perseguição da ex-companheira. Diz que as queixas foram desvalorizadas pela PSP por ser homem

DÉBORA CARVALHO

Tudo começou quando descobriu que a mulher tinha um amante. "Vi um SMS a dizer 'amo-te' e ela confessou. Recusei sair de casa e ela mudou drasticamente. Tornou-se agressiva. Torceu-me o braço e tentou dar-me um estalo. Depois, empurrou-me no elevador e bateu-me várias vezes com violência contra a porta de casa", conta ao CM Pedro Estrella, de 41 anos. Mas

**AGRESSORA TRABALHA NA ÁREA DA INFORMÁTICA DO BANCO DE PORTUGAL**

para o técnico do INEM, de licença sem vencimento, o pior tem sido o "terror psicológico". "Ela tirou-me as chaves de casa e do carro, levou-me a carta de condução e o cartão de crédito, esvaziou a nossa conta bancária e até mandou cortar a luz do apartamento". Ao CM, a alegada agressora negou todas as acusações e recusou fazer mais comentários.

O casal mantinha uma relação há dez anos. Por medo e vergonha, Pedro não pediu logo ajuda. Quando o fez, depois de ter sido aconselhado por uma linha de apoio a vítimas de violência doméstica, sentiu-se humilhado. "Os agentes da PSP desvalorizaram-me imenso por ser



1 Pedro Estrella apresentou queixa por violência doméstica há cerca de dois meses. 2 Vítima fotografou as agressões que terão sido feitas pela ex-mulher

homem. Ela ria-se por detrás deles e parecia uma rainha na esquadra. E eu, a vítima, tive de apresentar queixa na presença dela. Foi lamentável." A conta conjunta no banco está a zeros e foi congelada. Pedro responsabiliza a ex-companheira, especialista informática que trabalha para o Banco de Portugal. "É tudo muito estranho. A CGD não tem nenhum registo sobre quando e quem ordenou isso. Disseram-me que irão averiguar".

**NOTÍCIA EXCLUSIVA**  
DA EDIÇÃO EM PAPEL

CORREIO  
da manhã

Vítima assegura que a ex-companheira continua a rondar a casa

## Botão de pânico para se proteger

1 Pedro tem o botão de pânico. Conta que tem medo de sair de casa sozinho e assegurar que a ex-companheira e o alegado amante são vistos várias vezes a rondar a casa. "Ela como agressora não pode estar ao pé de mim. No início, ainda tentámos chegar a acordo relativamente à casa, porque eu tenho os meus direitos, mas ela recusou".

### O QUE FAZER?

Se se sentir ameaçado, ou suspeitar de que alguém é vítima de violência doméstica, deve apresentar uma denúncia às autoridades policiais

**CONTACTOS ÚTEIS**  
**112**

**Número Nacional de Emergência**  
(grátis, disponível 24 horas)

**144**

**Linha Nacional de Emergência Social**  
(grátis, disponível 24 horas)

**800 202 148**

**Serviço de Informação às Vítimas de Violência Doméstica**  
(grátis, disponível 24 horas)

**213 222 490**

**Comissão de Proteção às Vítimas de Crime**  
(custo: chamada para rede fixa, 09h30-12h30 e 14h00-16h30)

**116 006**

**Linha de Apoio à Vítima**  
(grátis, disponível 09h00-21h00)

**Denuncie também ao CM**  
**o seu caso:**

**eousoucm@cmjornal.pt**  
**ou telefone:**  
**últimas notícias/denúncias**  
**210 494 994**

**DENUNCIA OS CRIMES DE FRAUDE E FURTO**

1 O DIAP de Sintra está a investigar o caso. Além da queixa por violência apresentada em fevereiro, Pedro denunciou a ex-companheira pelos crimes de fraude, furto e abuso de confiança.





## CARTÃO | PAGA VIAGEM PARA DOIS

**N**um dos aditamentos que fez à queixa, Pedro relata que a ex-companheira pagou uma viagem para Amsterdão, para dois, antes da rutura do casal, com o seu cartão de crédito e sem a sua autorização: "Tinha colocado na carteira o cartão antigo expirado para eu não reparar e tinha levado o atualizado".



PROCESSO | **RELATÓRIO MÉDICO**  
**PEDRO RECEBEU TRATAMENTO**  
**NO CENTRO DE SAÚDE DA ZONA**  
**DE RESIDÊNCIA, APÓS AS**  
**AGRESSÕES DE QUE FOI ALVO.**  
**JUNTOU O RELATÓRIO**  
**MÉDICO AO PROCESSO.**

VIOLÊNCIA | **610 INQUÉRITOS ESTE ANO**

**E**ste ano já deram entrada no DIAP de Lisboa 610 inquéritos de violência doméstica, mais 141 do que em 2018. As autoridades já detiveram quase 200 suspeitos, 50 ficaram em prisão preventiva. No ano passado, cerca de dois terços dos inquéritos de crimes de violência doméstica (21 mil) foram arquivados. Foram abertos 32 042.



## PORMENORES

**Apelo pelas vítimas**

Pedro Estrella diz que não pretende "lavar roupa suja em público" ao contar a sua história. "Faço isto por todas as vítimas de violência doméstica, homens e mulheres deste País."

**Perdeu oito quilos**

O técnico do INEM está visivelmente mais magro. Perdeu oito quilos em apenas dois meses. Praticamente não sai de casa.

**União de facto**

O casal vivia em união de facto e não tem filhos em comum. De uma anterior relação, da qual enviuvou, Pedro tem dois filhos, mas que não vivem com ele.

## 708 agressores foram condenados

**O Ministério Público** conduziu 4613 acusações de violência doméstica em 2018. Foram condenados 708 agressores: 8 mulheres e 700 homens. Foram detidos 803 suspeitos. ●

## Mulher, casada e com 41 anos

**O perfil geral da vítima** de violência doméstica é apresentado pela APAV como sendo uma mulher, de 41 anos, casada, com filhos e empregada. ●

## "Duas chapadas de mão aberta"

**Q** "Levantei-me para ir buscar o telefone e levei duas chapadas de mão aberta e fiquei a sangrar do nariz. Há um limiar que não se deve passar. Assisti a isso, na minha infância, e jamais aceitaria repetir na minha vida", descreveu ao CM 'Maria'. A professora universitária, de 45 anos, apresentou 11 queixas contra o ex-marido por violência doméstica. A relação durou 15 anos e acabou da pior forma.

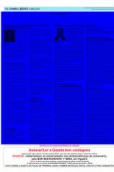
Depois de anos a fio de massacre psicológico, em fevereiro deste ano, a mulher começou a ser agredida fisicamente. O filho, de 7 anos, não só assistiu às violentas discussões entre os pais como às agressões físicas. O



'Maria', professora universitária, fez 11 queixas contra o ex-marido

agressor, diretor de uma empresa, não admitia que tinha um problema grave com o álcool. Pedia desculpa e 'Maria' ia perdendo. Divorciaram-se em

março. "As situações continuam, porque a manipulação é assim mesmo, não pára. Neste momento não vivo com medo, vivo vigilante", concluiu. ●M.P.



## Debate Autárquico

# Estará a violência doméstica a ser devidamente combatida em Paços de Ferreira?

## Câmara Municipal não pode fazer tudo sozinha mas pode e deve fazer mais!



Sónia Mendes

E porque é que há ainda tantas mulheres vítimas de violência e tantos olham para o lado?

Não ignoramos que o drama da violência do-

méstica não atinge só as mulheres. Também os homens são vítimas e para estes ainda é mais difícil dizer "basta", por todos os preconceitos inerentes.

Mas a verdade é que nós, mulheres, continuamos a ser as principais vítimas.

## Situação preocupante

Em Paços de Ferreira, a situação relativa à violência doméstica é preocupante. A APAV atendeu 180 vítimas de Paços de Ferreira em 2018 e houve um aumento significativo de casos nos dois primeiros meses do ano.

A Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco alertou para o facto de a violência doméstica ser o principal motivo de sinalização na Comissão.

A lei portuguesa é, quanto a esta matéria, uma das mais bem pensadas do mundo. Mas a verdade é que, na prática, não basta a lei. Como posso eu dizer "denuncia, porque há mecanismos para te proteger" quando, depois, esses mecanismos não funcionam?

Reconhecemos que, no nosso concelho, tem havido um trabalho no sentido de combater este flagelo.

Não obstante, nesta matéria como noutras, o Executivo prefere atividades "vistas", mas isoladas e pouco consequentes.

Com a exceção do Protocolo celebrado com a APAV, que permitiu a instalação do Gabinete de Apoio à Vítima, nenhuma das outras atividades levadas a cabo nesta matéria demonstra uma estratégia ou um aprofundamento desta questão.

## Grave flagelo

A violência doméstica é um flagelo demasiado grave para ser combatido apenas com palavras vagas e iniciativas bonitas.

Paços de Ferreira tem que ter a coragem de assumir a luta contra este flagelo e fazer dela uma missão.

Paços de Ferreira tem que ser capaz de colocar de lado iniciativas imediatas, mas pouco consequentes, e apostar num combate sério e profundo.

É imperativo ter um plano de combate a médio e longo prazo, que permita reduzir efetivamente os números de violência doméstica.

É necessário desenvolver formas de trabalho com as entidades competentes, como a ação social, entidades escolares e de formação, centros de saúde e hospitais, entidades da área da justiça e órgãos de polícia criminal.

É necessário, em conjunto com estas entidades, começar por fazer um diagnóstico do nosso concelho, que permita identificar as principais causas deste flagelo.

É necessário definir estratégias para combater as causas e minorar os efeitos.

É necessário acompanhar as famílias, de forma a diminuir os efeitos desta tragédia nas crianças.

Mas também é preciso ter um plano de emergência, que permita uma reação eficaz e rápida nos casos mais graves.

É necessário garantir que a lei é aplicada, que os mecanismos funcionam, que as pessoas são atendidas e bem encaminhadas e que nenhuma, mas nenhuma situação fica sem acompanhamento!

## A Câmara pode fazer mais

Sabemos que a Câmara Municipal não pode fazer tudo sozinha. Mas pode e deve fazer mais!

Pode e deve assumir esta missão e desenvolver esforços, combinar sinergias, organizar plataformas de ação.

Pode e deve desafiar as entidades competentes, espicaçar consciências, combater burocracias.

O Executivo pode e deve ser a voz das vítimas, das famílias, das crianças! Paços de Ferreira pode e deve encarar esta luta como a verdadeira luta de Abril, neste momento, no nosso concelho!

Só quando as mulheres deixarem de ter medo; só quando a sociedade deixar de olhar para o lado; só quando as crianças deixarem de chorar é que se completará Abril.

Viva a mulher, viva a juventude, viva Portugal e viva sempre, mas sempre aos valores de Abril!

## Violência doméstica: Discursos e abstrações...



Marcos Taipa Ribeiro

A problemática da violência doméstica é, desde há alguns anos, poucos, assunto cimeiro da agenda social, política e mediática. Ainda bem, pois foi um fenómeno ignorado, desvalorizado e aceite durante demasiados anos. Esta visibilidade do problema obriga a uma atenção

redobrada de vítimas, ofensores, órgãos de polícia criminal, políticos e demais atores sociais. Este é um problema com especial incidência nos "chamados países latinos" perpassados por uma cultura machista, mesmo misógina e que encontra no papel relegado da condição feminina uma das principais causas para o seu emergir e que, defendo, deve ser alvo de um agravamento das penas pois o efeito intimidatório e comportamental destas não pode nem deve ser ignorado.

Nunca será demais colocar o tema no centro da agenda política, bem pelo contrário. É inteligente e ficará sempre muito bem a qualquer jovem líder político, associativo ou outro trazer o tema para a ribalta da análise sociopolítica. No entanto, adentrar pelo tema implica humildade de análise, parcimónia intelectual e seriedade política, sob pena de uma qualquer intervenção constituir-se como mero exercício populista que visa acompanhar a "espuma dos dias".

## O concelho não precisa de um diagnóstico das causas

Não, o concelho não precisa de um diagnóstico das causas. Estas são mais do que conhecidas e não encontram em Paços de Ferreira um especial e diferente quadro de análise por relação ao restante país. Todos os estudos vão no sentido de associar o fenómeno ao consumo abusivo de álcool dos parceiros (as), à baixa tolerância à frustração destes (as), ao seu baixo auto controlo, ao seu baixo nível educacional, a desequilíbrios nas relações de poder no casal, a desordens de personalidade do agressor, a fatores acidentais como seja a separação, a atitudes de dominância, a ciúmes patológicos e a muitos outras causas que não fará sentido aqui descrever de forma ainda mais exaustiva.

Não, não é possível fazer um estudo sobre as razões da violência doméstica no concelho, mesmo que o mesmo fosse útil, pois trata-se de um fenómeno perpetrado por "atores ocultos", na medida em que estamos perante um comportamento tipificado como crime. Imagine-se a situação, não querendo incorrer no risco de cair numa estafada e desagradável piada, que seria colocar um grupo de investigadores a questionar quantas vezes por semana o Sr. António da casa nº 3 da rua dos foliões de cima "molha a sopa" na sua amada esposa.

Se a intenção for avaliar a extensão quantitativa do fenómeno para a obtenção de dados de "tipo epidemiológico", só através da conjugação de várias bases de sondagem (policiais, centros de saúde, hospitais, sistema prisional) na relação com "inquéritos de autodenúncia"-muito complexos de aplicar e de tratar a infor-

mação - seria possível termos uma imagem aproximada do fenómeno.

Mais importante e proveitoso será arquetizar respostas concretas para um fenómeno concreto.

## Não faz sentido "apontar o dedo" ao executivo camarário

Não, não faz sentido "apontar o dedo" ao executivo camarário neste domínio de ação. Pode-se discordar da política social e das respostas sociais da CMPF em muitos domínios de atuação mas não especificamente, digo eu, neste. É mesmo uma ideia pouco feliz, pois urge, desde logo, perguntar quantas Câmaras Municipais têm um Gabinete de Apoio à Vítima em funcionamento. Esta resposta não é algo de somenos pois numa tipologia de vítimas em que grande parte enferma de baixos recursos, a facilidade no acesso a uma resposta desta natureza é crucial, sobretudo por que o "ciclo da violência doméstica" implica baixa motivação para a mudança. Um total de 990 atendimentos e 188 processos de acompanhamento e apoio a vítimas em 2018 é um número muito significativo. Uma metodologia de intervenção em rede com outras instituições concelhias é uma resposta acertada, intencional e consequente. Mas considero que muito relevante são as ações preventivas do GAV centradas em meio escolar pois a aposta terá que ser na prevenção, especialmente, em meio escolar as quais serão brevemente reforçadas com o Projeto "Ser Plus", este centrado nesta dimensão da intervenção.

## O que falta fazer

Não, não está tudo feito. E este seria um ótimo filão a ser explorado, ou seja o lançar-se a discussão acerca do que falta fazer e pode ser feito neste domínio seria um importante contributo. E podem ser ainda realizadas um conjunto de respostas. Desde logo fará sentido o estabelecimento de um protocolo com quem trata ou age sobre os ofensores, nomeadamente os dispositivos de "probation", os serviços de reinserção social da DGRSP para se agir (no âmbito do pré sentencial e do pós sentencial) sobre quem pratica o crime. Esta é uma resposta que já existe na Faculdade de Psicologia e C.E. da Universidade do Porto e seria interessante adotar e adaptar a mesma para o concelho (apesar do município garantir em vários casos a deslocação dos ofensores ao serviço desta faculdade para obterem este apoio). Depois, criar-se um "observatório concelhio" da violência doméstica para monitorizar-se a evolução do fenómeno e desenvolver-se respostas para o mesmo bem como apostar-se na difusão de informação, reunindo várias entidades concelhias e por fim estender-se as ações aos grupos desportivos do concelho que acolhem muitos jovens de ambos os sexos.

No entanto, termino como iniciiei, ou seja, esta é uma problemática bem mais estrutural e cujo controlo ou, a desejada mas impossível, eliminação terá que relacionar medidas locais com medidas nacionais e medidas de prevenção primária, secundária e até terciária e de natureza universal, seletiva e indicada.



No distrito de Setúbal em 2018

# APAV apoia 685 vítimas de violência doméstica



ATÉ QUE A MORTE  
NOS SEPRE

A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA  
NÃO TEM QUE SER PARA SEMPRE

APAV<sup>®</sup>  
Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

**CAMPANHA** - Apesar das campanhas da APAV o número de vítimas continua a crescer

**A** APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima prestou apoio a 685 vítimas de violência doméstica no distrito de Setúbal durante o ano de 2018. Estes números estão expressos no Relatório Anual de 2018 da APAV entregue ao governo e na Assembleia da República para constar no Relatório Anual de Segurança Interna.

Por concelhos, Setúbal é o que apresenta maior número de casos, com 194, representando 2,1% da estatística nacional.

As vítimas apoiadas em 2018 pela APAV por concelho são: Alcácer do Sal, 6 (0,06%); Alcochete, 14 (0,15%); Almada, 112 (1,2%); Barreiro, 75 (0,8%); Grândola 6 (0,06%), Moita, 55 (0,59%), Montijo, 30 (0,32%) Palmela, 59 (0,06%); Santiago do Cacém, 7 (0,1%); Seixal, 84 (0,9%); Sesimbra, 34 (0,4%), Setúbal, 194 (2,1%); Sines, 9 (0,1%).

Os dados estatísticos nacionais disponibilizados reportam-se aos processos de apoio desenvolvidos presencialmente, por telefone e online, no ano transato, pelos 55 serviços de proximidade da APAV: o Sistema Integrado de Apoio à Distância (Linha de Apoio à Vítima 116 006 + apoio online), pela rede

nacional de 18 Gabinetes de Apoio à Vítima, pela rede de Estruturas de Acolhimento e pelas três sub-redes de apoio especializado: a Rede UAVMD - Unidade de Apoio à Vítima Migrante e de Discriminação; a Rede CARE - Rede de Apoio Especializado a Crianças e Jovens Vítimas de Violência Sexual; e a RAFAVHVT - Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio e de Terrorismo.

No ano de 2018, a APAV registou um total de 46.371 atendimentos, verificando-se um aumento de 31 % no número de atendimentos de 2016 a 2018 - quando, de 2015 a 2017, se havia verificado um aumento na ordem dos 19 %.

Verifica-se ainda, de 2017 para 2018, um crescimento de 1,8 % no número de vítimas apoiadas pela APAV (de 9.176 em 2017 para 9.344 vítimas em 2018) e um pequeno decréscimo no número de crimes e outras formas de violência reportados (de 21.161 em 2017 para 20.589 em 2018).

A análise do relatório permite ainda aferir diferentes contextos da vitimação e tipos de vítimas: em 2018, a APAV apoiou 926 pessoas idosas (+65 anos) vítimas de crime

(em média, 3 por dia e 18 por semana); 941 crianças e jovens (em média, 3 por dia e 18 por semana); 854 homens adultos (em média, 2 por dia e 16 por semana) e 5.173 mulheres adultas (em média, 14 por dia e 99 por semana).

Os dados de 2018 indicam a manutenção da tendência de anos anteriores, com uma maioria de vítimas do sexo feminino (82,5 %). Do total das 9.344 vítimas apoiadas pela APAV em 2018, 74,1 % foram vítimas de violência doméstica (6.928). Destacam-se ainda, por tipo de crime, crimes de violência sexual, nomeadamente o abuso sexual de crianças (348 crimes), o stalking/perseguição (470 crimes) e o cibercrime (41 crimes).

No âmbito da formação e da sensibilização e prevenção da violência, foram ministradas 1.100 atividades formativas, abrangendo 26.238 formandos/participantes.

Sendo a maior organização nacional sem fins lucrativos de apoio à vítima de crime, seus familiares e amigos, a APAV pretende contribuir, com a apresentação deste relatório, para um maior conhecimento das realidades da criminalidade e da vitimação em Portugal.

**Deputado do PSD preocupado**

## Setúbal é o terceiro distrito com mais violência

**O** deputado e presidente da Distrital de Setúbal do PSD, Bruno Vitorino, considera "preocupantes" os dados sobre os casos de violência doméstica na região, revelados pelo Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) de 2018.

Segundo este documento, os casos reportados de violência doméstica aumentaram em 5,6% no distrito de Setúbal, quando comparados com os dados de 2017. Existiram mais 131 ocorrências em 2018, do que ano anterior, num total de 2.458 casos.

Estes números colocam o distrito no último lugar do pódio, relativamente à violência doméstica, só superado por Lisboa e Porto.

Bruno Vitorino recorda que o PSD apresentou recentemente, no Parlamento, cinco diplomas para melhorar a execução da lei

no âmbito da violência doméstica, que passam por um agravamento da pena máxima de cinco para seis anos e pela redução da possibilidade de penas suspensas.

Em termos de criminalidade, embora tenha existido uma ligeira descida no número de ocorrência participadas, Setúbal mantém-se como o terceiro distrito com maior índice de criminalidade geral (29.987 casos) e também com mais situações de criminalidade grave (1.506 casos).

O distrito de Setúbal representa 9% da criminalidade geral e 10,8% da criminalidade violenta e grave, a nível nacional.

"Apesar de todo o esforço que é feito pelos homens e pelas mulheres das forças de segurança, os números do distrito continuam preocupantes. Infelizmente a sua dedicação e o seu trabalho não conseguem resolver

todos os problemas", sublinha o social-democrata.

Almada encabeça a lista da região com mais participações (6.568), seguida do Seixal (4.142), Setúbal (3.952) e Barreiro (3.357).

Bruno Vitorino diz que "sem meios e sem um aumento do número de efectivos será muito difícil retirar o distrito da lista negra da criminalidade".

"Este Governo ignora a realidade do distrito, bem como os problemas e dificuldades das forças de segurança. Não só não resolve problemas, como ainda tem intervenções públicas onde retira autoridade aos polícias" lembrando o recente caso do bairro da Jamaica. O social-democrata exige que o governo "invista de uma vez por todas na segurança do distrito, para fazer face à criminalidade existente".





## REFLEXÃO

# Nunca, jamais, em tempo algum

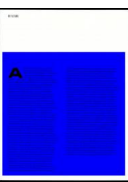
E não foram felizes para sempre. No fim da história, o príncipe não beija a princesa. Muito menos enquanto ela está inconsciente. Há cerca de um ano a Amnistia Internacional corrigiu a versão original d'*A Bela Adormecida*, o conto de fadas da Disney, porque sem consentimento não há, não pode haver, *happy endings*. Por Ana Murcho.

O monólogo é o mesmo de sempre. Repete-se desde o início dos tempos. “Ela passou-se. Começou com aquele teatrinho de púdica, ‘Para, a sério para’. Até então estava tudo bem. Estávamos há horas aos beijos e, de repente, ela passou-se. Disse para eu parar. Não queria mais. Achava que era melhor não avançarmos porque não nos conhecíamos assim tão bem e mais não sei quê... Claro que eu não parei. Sabia que ela só se estava a fazer de difícil. Tirei-lhe a *T-shirt*, ela disse qualquer coisa, mas eu empurrei-a contra o sofá. Depois calou-se. Também não havia muito que pudesse fazer, sou bem mais forte que ela. Ainda esperneou uma ou duas vezes, mas depois nada. Estava a gostar. Claro que estava a gostar! Elas são todas iguais. Ao princípio não querem, mas é só ao princípio. Depois calam-se e ficam quietinhas. Sabem que estão a gostar. Não têm coragem de dizer mais nada. Ah! Até chorou de prazer, imagina.” Consulte o significado da palavra consentimento: substantivo masculino, ato ou efeito de consentir; manifestação que autoriza algo; acordo ou conformidade de opiniões. Veja também consentir: verbo transitivo, permitir; tolerar; admitir (in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*). Depois, e só depois, comece a ler este texto.

Abrir o relatório de *Crimes Sexuais 2013/2017*, disponível no site da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), é tomar consciência do lado negro da realidade (e da sociedade) portuguesa. Em quatro anos, registaram-se 3.594 vítimas, 92% das quais são mulheres: 573 no primeiro ano, 1.070 no último, o que corresponde a um aumento de 93,5%. Muitas terão ficado de fora. Afinal, Portugal é um dos países onde o crime de violação assenta na violência, na ameaça e na coerção – e não na falta

de consentimento. O artigo 164.º do Código Penal define que constitui violação “quem, por meio de violência, ameaça grave, ou depois de, para esse fim, a ter tornado inconsciente ou posto na impossibilidade de resistir, constringer outra pessoa: a) A sofrer ou a praticar, consigo ou com outrem, cópula, coito anal ou coito oral; ou b) A sofrer introdução vaginal ou anal de partes do corpo ou objetos”. Segundo a nossa lei, que não é assim tão fácil de ler, e de entender, não há aqui espaço para o consentimento. Ora é precisamente isso que se debate, neste momento, um pouco por todo o mundo. Sexo sem consentimento é violação? É a pergunta na ordem do dia. Dos 31 países europeus, apenas oito têm legislação adequada a proteger relações sexuais não consentidas, revela um relatório da Amnistia Internacional publicado em finais do ano passado. Tais falhas, refere o estudo, promovem “uma cultura de culpabilização da vítima de violação e perpetua a impunidade”. E isso leva a que muitas pessoas nunca se sintam confortáveis para fazer queixa. Ou seja, existirão provavelmente muito mais do que as 3.594 vítimas a que a APAV teve acesso. “Uma em cada 20 mulheres europeias com mais de 15 anos já foi violada. Ou seja, mais de nove milhões.





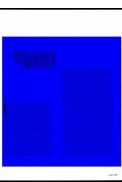
**A** pesar de movimentos como o #MeToo terem inspirado muitas mulheres a contarem as suas histórias, o triste facto é que os casos de violação continuam a ser largamente sub-reportados na Europa. O medo que as mulheres sentem de não acreditarem nelas é confirmado uma e outra e outra vez, ainda, conforme vemos sobreviventes corajosas que tentam obter justiça a ficarem frequentemente desprotegidas por definições legais de violação ultrapassadas e danosas, e a serem tratadas de forma chocante por responsáveis judiciais”, afirmava a investigadora da Amnistia Internacional Anna Blus, perita em Europa Ocidental e Direitos das Mulheres.

Bem-vindos a 2019. Ou será mais correto dizer bem vindos a 1143? As manchetes dos jornais alertam-nos para esse sonho, antigo, da igualdade de géneros. Por enquanto, ao que parece, é só mesmo isso: um sonho. “A vítima não fechou as pernas com firmeza”, atira um diário de referência, em alusão a um caso no País Basco, em que uma juíza questionou a forma como a queixosa “se deixou atacar”. A humilhação como forma de ataque é a resposta mais rápida, nos tribunais do povo e da razão. “A mulher ficou inerte, em estado de choque, quando era violada, à vez, por um grupo de cinco homens [na festa de San Fermín, em Espanha.]” A queixosa tinha “dançado sensualmente com os agressores numa discoteca, logo, a agressão não era assim tão grave”. Impossível esquecer a clarividência daquele juiz inglês que, recentemente, decretou “não consigo pensar em qualquer direito humano mais fundamental do que o direito de um homem ter relações sexuais com a sua mulher” [mesmo que ela tenha perdido a capacidade mental para tomar decisões em consciência]. Já dizia o povo, se não quer ser violada, não se ponha a jeito. Cuide-se. Honre-se. Uma “senhora como deve ser” não usa roupa provocadora. Não veste minissaias ou calças justas – nem escolhe, nunca, lingerie reveladora, que possa chamar a atenção de terceiros. Não sai à rua sozinha, muito menos à noite. Não dá conversa a estranhos – nem dança com eles. Não bebe álcool. Não flirta com conhecidos nem desconhecidos. Não tem uma vida sexual ativa. Não perde, nunca, o total controlo das suas aptidões mentais e intelectuais. Não pisa a linha. Não se descontrola. Não muda de ideias. Não se queixa. Não apresenta queixas.

Do ponto de vista do homem, qual é a importância do consentimento? O *The New York Times* publicou, em fevereiro passado, um artigo de opinião sobre o tema. Assinado pela

jornalista Peggy Orenstein, tinha como título *It's not that men don't know what consent is. They often understand what they're doing is wrong – then they do it anyway* (qualquer coisa como: Não é que os homens não saibam o que é o consentimento. Eles muitas vezes sabem que o que estão a fazer está errado – mas fazem-no na mesma) e defendia que a noção de sexo consensual deles é tão elástica que serve para desculpar quase todos os comportamentos. “A capacidade dos homens para entender a recusa sexual tem-se mostrado notavelmente sofisticada e subtil, independentemente de a palavra ‘não’ ser realmente pronunciada; isso torna duvidosa a defesa comum de que eles ‘não podem dizer’ ou ‘não são leitores de mentes’. Além disso, no que diz respeito ao sim, os homens parecem francamente clarividentes: eles facilmente percebem o interesse de uma mulher em fazer sexo com eles, ainda mais se eles estiverem a beber.” Orenstein relembra uma pesquisa de 2016, efetuada pelo Confi, um *site* dedicado à saúde feminina, que perguntou a 1.200 estudantes o que esperavam que acontecesse se fossem para casa com alguém que conheceram numa festa – 45% dos rapazes considerou ser “muito provável” a existência de relações sexuais, número que desceu para 30% nas raparigas. “Estas lacunas de perceção não são apenas uma configuração para a agressão, mas também para as subsequentes negações de responsabilidade e, possivelmente, alegações de falsas acusações. De acordo com a mesma pesquisa, os homens acharam as ações de alguém embriagado ‘muito mais aceitável’ do que de alguém sóbrio, o que significa que deixam de lado a potencial agressão sexual.” Este pode muito bem ser um dos pontos-chave da questão. Tal como refere a autora do texto: “Os rapazes ainda aprendem muitas vezes a dar prioridade ao seu prazer em detrimento dos sentimentos das mulheres, a interpretar o comportamento de um parceiro à lente dos seus próprios desejos.” E isto significa que, apesar de todos os *hashtags* e manifestações que têm vindo a público, “ainda não estamos a fazer o que tem de ser feito: educar os meninos não apenas sobre a importância da sexualidade mutuamente consensual, ética e agradável, mas também sobre as formas pelas quais o seu próprio sentido de direito pode cegá-los para esses valores, levando-os a causar danos, quer eles aceitem vê-los ou não”.





**“DISSE-LHE PARA PARAR DUAS VEZES. OUTRA VEZ. E COMECEI A CHORAR. NÃO FUI CAPAZ DE FAZER MAIS NADA. HORAS DEPOIS ELE MANDOU-ME UMA MENSAGEM A DIZER, ‘BABY, AINDA BEM QUE FIZEMOS ISTO. FICO MUITO CONTENTE.’ MAS EU NÃO QUERIA TER FEITO NADA.”**

É por isso que a alteração da cena final d’*A Bela Adormecida* se torna, de repente, tão relevante. O beijo apaixonado entre o príncipe e a donzela frágil e indefesa (leia-se, inconsciente), comum a muitas histórias da Disney, serviu de mote para abordar a questão do consentimento em casos de assédio e abuso sexual, num vídeo lançado pela Amnistia Internacional em finais do ano passado: intitulado *Sem Consentimento Não Há Conto de Fadas*, o minifilme de animação tem um tom provocatório e humorístico, ideal para a geração *millennial*. Nesta nova versão, o príncipe aproxima-se da princesa, deitada numa cama de flores, e beija-a na boca. Ela não reage. Permanece desmaiada. Mesmo assim, ele continua a sua investida. Apalpa-a entre as pernas. É então que é atacado por um moço, que lhe pergunta “*Dude, seriously?*”, ao que ele responde: “É tranquilo, sou um príncipe, ela é uma princesa. Nós íamos... Tu sabes... Estivemos juntos numa festa, por isso só estamos a recomençar onde parámos.” E acrescenta, com ar arrogante, “Precisamos fazer um contrato ou algo do género?” Ao focar-se num interesse superior, que ignora a posição em que a vítima se encontra, o vídeo levanta inúmeras questões sobre a cultura do assédio, que apaga a noção de consentimento da equação. E sublinha a importância de acabar com esse paradigma misógino e arbitrário. A

pressão exterior e movimentos como o *#MeToo* começam, muito lentamente, a dar frutos. Em 2015, houve um ajuste na lei, que passou a referir que se existisse “constrangimento” por parte da vítima o ato sexual poderia ser considerado crime. No entanto, permanece ausente qualquer referência ao consentimento. Entre as recomendações da Amnistia Internacional para defender as vítimas estão medidas como melhorar a eficácia dos procedimentos legais, sensibilizar profissionais de saúde e de serviços públicos, criar pontos de apoio especializados para as vítimas (como a APAV) e lançar programas de educação que abordem a importância do consentimento em qualquer ato sexual. Não será pedir demais que se explique porque é que “não é não” e porque é que cada um de nós tem direito às suas escolhas – em qualquer momento, qualquer que seja a situação. Se a Bela Adormecida pode acordar para uma vida nova, e decidir se passa o resto dos seus dias com o príncipe ou com outro rapaz (ou rapariga) qualquer, o mesmo deve acontecer com as meninas e meninos que crescem a acreditar na história. Não é preciso que ninguém nos beije enquanto estamos a dormir. Nós somos perfeitamente capazes de acordar dos nossos sonhos e viver as nossas fantasias como e com quem nos apetecer.

“Não sei o que é que se passou. Não consigo explicar. Estava tudo bem. Estávamos bem. Estivemos imenso tempo juntos. Ele estava a ser querido. Ou parecia. Estávamos a ver um filme. Nada de especial. Era a segunda vez que estávamos juntos, assim sozinhos. Não sei explicar. Estávamos aos beijos, mas nada de mais. Achava eu. Tinha sido assim da outra vez. Eu achava que estava tudo bem. Para mim estava tudo bem. Eu estava a gostar dele. Achava que era diferente. Mas de repente ficou estranho. Eu disse-lhe que era melhor não avançarmos mais e ele ficou esquisito. Parecia zangado. Ao princípio não disse nada. Mas depois agarrou-me com mais força. Parece que o facto de eu ter dito aquilo o deixou zangado. Transformou-se noutra pessoa. Eu ainda tentei soltar-me, mas ele é muito mais forte que eu. E de repente... Disse-lhe para parar duas vezes. Outra vez. E comeci a chorar. Não fui capaz de fazer mais nada. Horas depois ele mandou-me uma mensagem a dizer, ‘*Baby*, ainda bem que fizemos isto, fico muito contente.’ Mas eu não queria ter feito nada.” ●





Combate à violência doméstica

## Entidades reúnem com Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género

As várias entidades concelhias envolvidas no combate à violência doméstica reúnem hoje, pelas 14.30 horas, com o director regional da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, Manuel Albano.

Participam neste encontro, que se realiza no Palácio do Raio, a APAV - GAV de Braga, Associação de Psicologia da UMinho, a Bragahabit, a Associação Famílias, a Cáritas Arquidiocesana de Braga, a delegação de Braga da Cruz Vermelha Portuguesa, a Comissão de Protecção ao Idoso, a Associação Projecto Criar, o Instituto da Segurança Social, o Hospital de Braga, o Município de Braga, a GNR e PSP, Tribunal Judicial da Comarca de Braga e a UMAR - União de Mulheres Alternativas e Resposta.



# Malabá no Concerto 25 de Abril Jovem



O caldense Cabaceira aqueceu o público para o rapper Malabá, que abrihantou o Concerto 25 de Abril Jovem, que teve lugar na Expoeste, na noite de 24 de abril. As Associações de Estudantes das Caldas da Rainha juntaram-se ao evento organizando a “Festa Revolução”.

O concerto foi integrado nas comemorações do 25 de Abril, organizadas pelas juntas de freguesia da cidade. O artista Malabá, que é também promotor das chamadas “batalhas de rap” (em que os rappers combatem com palavras), fez questão de enviar, no dia seguinte, uma mensagem à União de Freguesias das Caldas da Rainha - Santo Onofre e Serra do Bouro, dizendo ter



**Rapper atuou na Expoeste**

ficado muito satisfeito pelo facto dos autarcas caldenses terem compartilhado

consigo o palco e participado no espetáculo.

Malabá participou recen-

temente numa campanha da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) contra o ódio. Sob o lema ‘Combate o ódio com respeito’, cinco rappers portugueses criaram temas com palavras de incentivo a vítimas de discriminação,

O concerto terminou com fogo de artifício à meia-noite, para assinalar as comemorações do 25 de Abril.

Um dia antes, Malabá e Cabaceira foram alguns dos participantes no painel “Hip hop, sou eu”, que deu início à Semana da Juventude das Caldas da Rainha. Uma sessão que foi moderada por Jorge Varela, presidente da União de Freguesias das Caldas da Rainha – Santo Onofre e Serra do Bouro.





ID: 80396604

02-05-2019

## Violência doméstica: A vizinha da porta ao lado?

OPINIÃO



**Fabíola Figueiredo**

(Vereadora eleita pelo Partido Social Democrata – Câmara Municipal de Seia)

Actualmente, a problemática da violência doméstica é cada vez mais o assunto do dia. Efectivamente, a realidade, tantas vezes tardiamente sabida, é cada vez mais preocupante.

No nosso País, desde Janeiro de 2019 até ao início de Abril, a Polícia de Segurança Pública já deteve 192 suspeitos de violência doméstica. Sendo de deste total, 112 foram apanhados em flagrante delito e 80 no decorrer de investigações diligenciadas. Em prisão preventiva ficaram 50. Foram ainda instituídas medidas de protecção, nomeadamente medidas de afastamento das vítimas com recursos a pulseira electrónica.

Igualmente já em 2019, foi anunciada a constituição de equipas específicas e a criação de Salas de Atendimento à Vítima em todas as esquadras e postos. Como se define actualmente o conceito de violência doméstica? Trata-se de um padrão de comportamento que envolve violência ou outro tipo de abuso por parte de uma pessoa contra outra num contexto doméstico, como no caso de um casamento ou união de facto, ou contra crianças ou ido-

sos. Pode assumir vários tipos, nomeadamente passando por abusos, não somente físicos, mas igualmente emocionais, verbais, económicos, reprodutivos e sexuais e religiosos. Estes abusos podem revestir-se de formas subtis e coercivas até formas particularmente violentas no acto e nas consequências, quer ao nível da morbilidade quer ao nível da mortalidade.

As vítimas podem ser ricas ou pobres, de qualquer idade, sexo, religião, cultura, grupo étnico, orientação sexual, formação ou estado civil.

Trata-se de um dos crimes menos declarado em todo o mundo, tanto no caso das mulheres como dos homens. De realçar que o estigma social associado à vitimização masculina conduz a que exista maior probabilidade das vítimas masculinas serem negligenciadas pelos serviços de saúde. No entanto, as vítimas continuam a ser, na sua maioria, mulheres e inclusivé são o alvo das formas mais agressivas de violência.

Apesar de nos parecer inacreditável, em vários países, nomeadamente sub-desenvolvidos, a violência doméstica contra mulheres é ainda aceite legalmente, como, por exemplo, em casos de ocorrência ou suspeita de infidelidade e assume ocorrência assinalável no casamento infantil e no casamento forçado. Efectivamente, a investigação tem confirmado que existe uma direta e significativa correlação entre o nível de igualdade de género de um país e a prevalência de violência doméstica.

Mas em países ditos desenvolvidos como o nosso? A violência doméstica não é, de todo, a vizinha da porta ao

lado. Todos podemos sofrer de violência doméstica.

A violência doméstica ocorre quando o abusador acredita que o seu abuso é aceitável, justificado ou improvável de ser reportado. Pode dar origem a ciclos de abuso intergeracionais, criando perigosamente a imagem em crianças e outros membros da família que o abuso é aceitável e no futuro contribuir para o perpetuar do ciclo de violência. Entre os actos de abuso, existem frequentemente períodos de acalmia, em que o agressor rodeia a vítima de atenção, desculpando-se pelas agressões com diversos motivos e fazendo promessas de que nunca mais voltará a exercer violência. Nada mais profundamente errado.

As vítimas podem ter grande dificuldade em procurar ajuda. O poder e controlo, aceitação cultural, falta de recursos financeiros, vergonha ou para proteger os filhos são factores chave para esse isolamento. Como consequência, as vítimas podem desenvolver incapacidades físicas, incapacidade de voltar a criar relações afetivas saudáveis, problemas de saúde crónicos, perturbações do foro psiquiátrico e incapacidade financeira.

A violência doméstica está envolta em vários mitos que dificultam esse pedido de ajuda. Vários têm servido para “culpabilizar” a vítima e outros para “desculpar” o agressor e o tipo de violência que exerce. Contribuem igualmente para a falta de compreensão de quem rodeia a vítima para as reais questões que estão no centro do problema.

Entre esses mitos, por exemplo, encontra-se o facto de que o consumo

de drogas e álcool é o facto de tornar alguém violento. É verdade que o consumo pode desencadear esses comportamentos, mas o conhecimento de quem consome das suas possíveis consequências torna responsável pelas suas acções.

Outros desses mitos muito perpetuados é o de que só as mulheres de meios sociais desfavorecidos sofrem de violência doméstica. Não, a violência doméstica está presente em todos os meios sociais, manifestando-se de diversas formas. No entanto, a necessidade de apoios sociais e económicos que sentem as mulheres vítimas deste crime faz com que haja maior visibilidade sobre o problema nos meios sociais mais favorecidos, devido ao apoio solicitado a várias instituições existentes.

Ninguém tem o direito de controlar e magoar o corpo e o psíquico de outra, independentemente dos laços que os unem. E ninguém gosta de sofrer esse tipo de comportamento, ninguém é masoquista, como tantas vezes se perpetua.

Não esquecer que a violência doméstica normalmente não consiste num acto pontual, mas sim continuado no tempo. Não pode ser tolerada.

A Polícia tem a obrigação de prestar assistência e protecção a qualquer pessoa que sofra de violência doméstica. A Associação de Apoio à Vítima também pode constituir um apoio precioso nesse contacto.

Todos podemos ser vítimas de violência doméstica.

Não hesite em fazer valer os seus direitos como vítima.





## Agenda cultural

**12 de maio, das 10:00 às 13:00**

### **Lousã Saudável 2019**

Atividades desportivas e de lazer

**15 de maio, 21:00**

### **Dia Internacional da Família**

#### **Palestra «Relações igualitárias e sem violência»**

com Ana Costa (APAV)

Local: Auditório do Centro Pastoral da Lousã

Org: CPCJ Lousã

Apoio: C. M. Lousã e APAV

**18 de maio, das 10:00 às 12:30**

### **Campanha de adoção de animais**

Local: Junto ao Tribunal da Lousã

Org: Louzanimales

**19 de maio, das 8:30 às 13:00**

### **Percurso Pedestre da Freguesia das Gândaras**

Partida/Chegada: Edifício da Junta de Freguesia das Gândaras Local: Freguesia das Gândaras

Org: Junta de Freguesia das Gândaras

**Até 30 de maio**

### **Exposição de pintura “Pedrinhos em Liberdade”**

Local: Sala de exposições da Cooperativa Trevim

Org: Cooperativa Trevim e Cooperativa Pedrinhas

**Até 31 de maio**

### **“O livro da família” texto de Todd Parr “O Dragão que queria ser Bombeiro”**

texto de Cíntia Palmeira e ilustração

de Aleksandr Mihaltchuk

Local: Biblioteca Municipal Comendador Montenegro

**Até 1 de junho**

### **Exposição fotográfica e documental “Memórias do Rally na Lousã”**

de Renato Ferreira

Local: Biblioteca Municipal Comendador Montenegro

Org: C. M. Lousã e Estúdios Delfim Ferreira

**Até 2 de junho**

### **Festejos em Honra da Senhora da Piedade**

**26 de maio** ( Procissão Solene pelas ruas da Vila)

**30 de maio** (Procissão de velas pelas ruas da Vila)

**2 de junho** (Procissão Solene da Igreja Matriz para a Ermida da Senhora da Piedade)

Org: Irmandade da Nossa Senhora da Piedade





ID: 80501162

14-05-2019

# Violência doméstica com peso “preocupante” entre os crimes de homicídio em Portugal

A violência doméstica tem um peso “preocupante” entre os crimes de homicídio em Portugal e em quase um terço dos casos acompanhados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima há um relacionamento de intimidade entre vítima e agressor.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) tem há seis anos uma Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio, que este ano passou também a incluir as vítimas de terrorismo, a par de um Observatório de Imprensa de Crimes de Homicídio em Portugal e de Portugueses no Estrangeiro (OCH), criado em 2014 para melhor compreender o fenómeno.

Segundo o relatório anual referente a 2018 da Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio e Vítimas de Terrorismo, entre os crimes acompanhados destacam-se “as relações de proximidade entre os autores e as vítimas de crime”, sendo de “destacar as relações de intimidade entre autores e vítimas”.

“Os relacionamentos entre cônjuges, namorados, ex-namorados, companheiros e ex-companheiros representam 31,25% da totalidade dos diferentes tipos de relacionamentos”, refere a APAV. De acordo com a organização, “este número remete para a importância que a violência doméstica tem para a produção de crimes de homicídio em Portugal”.

Analisando os 28 casos de homicídios tentados acompanhados pela Rede de Apoio, os números mostram que quase 40% deles (11) têm na origem uma relação de intimidade entre agressor e vítima, com quatro casos cometidos pelo cônjuge, três pelo companheiro, outros três pelo ex-companheiro e um pelo namorado.

Já entre os 20 casos de homicídios consumados, a percentagem chega aos 20%, com dois casos cometidos pelo cônjuge da vítima, um pelo companheiro e o outro pelo ex-companheiro.



*Relatório da APAV revela que em muitos casos de homicídio há uma relação de intimidade entre vítima e agressor*

O responsável pela Rede de Apoio apontou que “é preocupante” a questão de proximidade entre autor do crime e vítima e como isso ocupa uma “fatia bastante grande” entre os homicídios reportados. Bruno Brito apontou que os dados do OCH mostram que houve 87 casos de homicídio em Portugal no ano passado, 32 (36,78%) dos quais em contexto de violência doméstica, 20 (23%) dos quais com vítimas mulheres. Ou seja, quase um em cada quatro homicídios são de uma mulher em contexto de um relacionamento de intimidade e perto de 37% dos homicídios ocorridos em Portugal “têm como ponto comum a existência de violência doméstica”.

Relativamente às 20 mulheres mortas no ano passado, Bruno Brito explicou que o procedimento é de verificar se a vítima estava a ser ou tinha sido acompanhada pela associação, sendo que só muito raramente isso aconteceu. “Isto é

muito preocupante porque sabe-se que na maior parte das vezes a situação de violência doméstica não acontece apenas numa situação de crime único, ou seja, quando acontece uma situação de homicídio, isto decorre na sequência de uma escalada de violência”, salientou.

De acordo com o responsável, isto demonstra que “de alguma forma, a sociedade ainda esconde estas situações”, que só se tornam visíveis numa forma mais extremada, como homicídio.

Bruno Brito aproveitou para chamar a atenção para os 25 casos de homicídios de portugueses no estrangeiro, cinco deles na Venezuela, três no Brasil, mas também dois na Síria, em combate pelo grupo terrorista do autoproclamado Estado Islâmico, quatro em Inglaterra ou dois na Bélgica. O responsável salientou que, nestes casos, a maior dificuldade está em identificar e contactar as famílias para lhes poder oferecer algum tipo de apoio,

sendo que muitas vezes nem conseguem chegar à fala com essas pessoas.

Acrescentou que a APAV continua a tentar estabelecer parcerias com as autoridades nacionais, estando a aguardar que seja possível chegar a um protocolo oficial com o Ministério dos Negócios Estrangeiros para que passe a haver um procedimento sistematizado e todas as situações de portugueses assassinados no estrangeiro possam ter o mesmo tipo de acompanhamento.

Os dados da Rede de Apoio mostram ainda que, em 2018, foram apoiadas 68 pessoas, uma parcela das 531 ajudadas ao longo dos últimos seis anos por causa de 418 crimes reportados e por causa das quais foram feitos 3.486 atendimentos. Entre as pessoas apoiadas, tanto devido a homicídios tentados como consumados, a maioria eram mulheres, enquanto os alegados autores eram sobretudo homens.





ID: 80520319

15-05-2019

# Violência doméstica 'responsável' por 37% dos homicídios em Portugal

**RELATÓRIO DA APAV** releva que em muitos casos de homicídio há um relacionamento de intimidade entre o agressor e a vítima. Dados estiveram ontem no centro da discussão nas II Jornadas de Braga Contra a Violência que decorreram na Universidade do Minho.

## VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

| Isabel Vihena |

Os números são alarmantes e revelam que a violência doméstica tem um “forte” peso entre os crimes de homicídio em Portugal.

Os dados constam no relatório anual referente a 2018 da Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio e Vítimas de Terrorismo e estiveram ontem em debate nas II Jornadas de Braga Contra a Violência que decorreram ontem na Universidade do Minho.

Dos 87 homicídios ocorridos em Portugal, 32 casos (37%) resultaram de violência doméstica e em quase um terço dos casos acompanhados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima há um relacionamento de intimidade entre vítima e agressor.

João Lázaro, presidente da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), disse ontem aos jornalistas, momentos antes da abertura das II Jornadas de Braga Contra a Violência, que “ninguém se pode pôr fora da equação e a APAV também não. Há coisas que falham”, sublinhando a importância “da articulação que cada um possa fazer na sua missão é fundamental”.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) tem há seis anos uma Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio, que este ano passou também a incluir as vítimas de terrorismo, a par de um Observatório de Imprensa de Crimes de Homicídio em Portugal e de Portugueses no Estrangeiro (OCH), criado em 2014 para melhor compreender o fenómeno.

Um dos dados revelados no relatório é que entre os crimes acompanhados destacam-se “as relações de proximidade e de intimidade entre os autores e as vítimas de crime”, remetendo o “peso” que a violência doméstica tem para a produção de crimes de homicídio em Portugal”.



Presidente da APAV na sessão de abertura das II Jornadas de Braga Contra a Violência que decorreu ontem na Universidade do Minho



Os números são alarmantes e revelam que a violência doméstica tem um “forte” peso entre os crimes de homicídio em Portugal. Os dados constam no relatório anual referente a 2018 da Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio e Vítimas de Terrorismo e estiveram ontem em debate nas II Jornadas de Braga Contra a Violência que decorreram na Universidade do Minho.

Segundo o responsável da APAV, “isto vem demonstrar que a sociedade ainda esconde estas situações”, que só se tornam visíveis numa forma mais extrema, como homicídio”. Porém, realça todo o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido por uma extensa rede de apoio “onde os crimes são praticamente inexistentes. Nas comunidades onde existem serviços de apoio esses homicídios, regra geral, não ocorrem. Acontecem onde existem menos serviços, menos articulação e menos preparação das várias instituições públicas”.

João Lázaro alertou ainda para os casos de homicídios de portugueses no estrangeiro que “devem merecer um olhar atento do Estado”, acrescentando que a APAV continua a tentar estabelecer parcerias com as autoridades nacionais, estando a aguardar que seja possível chegar a um protocolo oficial com o Ministério dos Negócios Estrangeiros para que passe a haver um procedimento sistematizado e todas as situações de portugueses assassinados no estrangeiro possam ter o mesmo tipo de acompanhamento.

Os dados da Rede de Apoio

mostram ainda que, em 2018, foram apoiadas 68 pessoas, uma parcela das 531 ajudadas ao longo dos últimos seis anos por causa de 418 crimes reportados e por causa das quais foram feitos 3.486 atendimentos.

Entre as pessoas apoiadas, tanto devido a homicídios tentados como consumados, a maioria eram mulheres, enquanto os alegados autores eram sobretudo homens.

Em Braga foram atendidos 298 casos, em 2018, o que representa 3,19 por cento no panorama nacional.

Firmino Marques, vice-presidente da Câmara de Braga, realça o trabalho que a autarquia tem vindo a fazer neste domínio, sublinhando a Carta Compromisso da Igualdade de Género e Prevenção e Combate da Violência Doméstica rubricado por 16 entidades concelhias no âmbito do Projecto DHARMA, promovido pela Cáritas Arquidiocesana de Braga, que contribuirá para a inclusão social de vítimas de violência doméstica.

VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA DE BRAGA NA ABERTURA DE JORNADAS ORGANIZADAS PELA APAV

# Prevenção «é indispensável» no "combate" à violência

© JORGE OLIVEIRA

O vice-presidente da Câmara de Braga realçou ontem que a prevenção «é indispensável» para se reduzir ou eliminar as várias formas de violência na sociedade.

Firmino Marques fez este sublinhado na abertura das II Jornadas de Braga Contra a Violência, que decorreram no Campus de Gualtar da Universidade do Minho, numa organização da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) que esta semana divulgou o relatório de 2018 da Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio e Vítimas de Terrorismo.

Na sessão estiveram também o presidente da APAV, João Lázaro, e a vice-reitora da Universidade do Minho, Manuela Martins.

O evento contou com um painel diversificado de oradores e moderadores, os quais procuraram debater e refletir as diversas temáticas relacionadas com o apoio a vítimas de crime, bem como com a prevenção da violência e a da vitimação.

À margem das Jornadas, o vice-presidente da Câmara de Braga, que é responsável pelo pelou-



Firmo Marques destacou o trabalho que está a ser feito no âmbito da Rede Social

ro das Políticas Sociais do município, asseverou que a autarquia bracarense «está atenta» a esta temática e tem feito um «esforço enorme» com as entidades que compõem a Rede Social para «acompanhar e dotar de respostas as instituições» e dando «coragem» às pessoas para denunciarem as várias formas de violência.

A propósito, lembrou o trabalho que tem sido desenvolvido no âmbito de um projeto europeu que «tem conseguido agregar todas as instituições de intervenção», na área social, académica, policial, judicial e os tribunais.

«Conseguiu-se estabelecer uma carta-compromisso que junta todas es-

tas instituições no sentido de muscular a capacidade de resposta e de prevenção», assinalou Firmo Marques.

Contudo, o autarca reconheceu que eliminar a violência de uma só vez «é muito difícil». O "combate", defendeu, tem que ser feito de «forma gradual, dando motivos para que as pessoas com relativa facilidade possam exprimir situações de violência».

«A montante, a prevenção é um fator extraordinariamente importante de intervenção e é nesse capítulo que o Estado deve e pode investir, porque em termo de capacidade de resposta ela já está gerada», acrescentou, deixando uma palavra de reco-

nhecimento ao trabalho da APAV em Braga.

No ano de 2018 foram apoiadas no distrito de Braga um total de 568 vítimas, sendo o maior número do concelho de Braga (298), seguindo-se Guimarães (66), Vila Nova de Famalicão (50), Barcelos (46), Vila Verde (31), Fafe (29), Cabeceiras de Basto e Vieira do Minho (9), Amares (8), Vize-la (6), Esposende e Póvoa de Lanhoso (5), Celorico de Basto (4) e Terras de Bouro (2).

A vice-reitora da Universidade do Minho, questionada sobre esta problemática, disse desconhecer a existência de casos explícitos de violência dentro dos campus da academia minhota. Reconheceu, contudo, que «algumas más práticas podem ocorrer», mas «são pontuais» e «não alarmantes».

«Nós sabemos que muitas práticas de violência não são denunciadas e, portanto, esse é um dos grandes problemas, porque podem ocorrer e quando ocorrem são fora da Universidade e porque são fora da Universidade a Universidade não tem jurisdição sobre essas políticas», disse.

Para Manuela Martins,

as praxes, por vezes, também assumem formas de violência, mas como acontecem no exterior a Universidade não pode atuar.

Notando que a violência pode ser exercida de várias formas (física, moral, oral), a docente defendeu que «é preciso estar atento» e denunciar.

Em declarações aos jornalistas, o presidente da APAV deu conta dos principais pontos do relatório de 2018 da Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio, que este ano passou a incluir também as vítimas de terrorismo.

João Lázaro assinalou que Portugal tem das mais baixas taxas de homicídios em termos comparados na Europa, mas mesmo assim «é preciso cuidar, proteger e apoiar as vítimas».

«Há claramente direitos que devem ser mais protegidos e acautelados», disse o dirigente, referindo-se aos processos de recuperação e acompanhamento de famílias e amigos das vítimas.

Destacou o «peso» dos homicídios decorrentes de violência doméstica contra mulheres. Só este ano, contam-se já 14, um número que «é claramente preocupante», disse, referindo que «é preciso continuar com o esforço diário de sensibilização pública e prevenção», ainda que a sociedade civil e as autoridades estejam a responder ao apelo para tentar que estes números não aumentem.

Ainda neste contexto, João Lázaro defendeu que é necessário prestar uma «atenção especial» aos portugueses ligados à vitimação por homicídio e atentados terroristas fora do país, considerando que a «resposta clássica consular não chega», é necessário adequar a resposta.



Jornadas realizaram-se no campus de Gualtar da UM





# Ensine a regra aos seus filhos: “Aqui ninguém toca”

**T**odos os dias somos confrontados com situações de abuso sexual de crianças. Os dados indicam que uma em cada cinco crianças é vítima de violência ou abuso sexual.

A regra “Aqui ninguém toca” visa ajudar os pais a explicarem aos seus filhos que partes do corpo não devem ser tocadas por outras pessoas. Uma criança não se deve deixar tocar nas partes do corpo normalmente cobertas pela roupa interior e também o não deve fazer aos outros.

A regra “Aqui ninguém toca” inclui 5 princípios importantes:

1- O teu corpo é só teu.

Devemos ensinar às crianças que elas são donas do seu próprio corpo e que ninguém lhes pode tocar sem a sua autorização. É necessário ensinar-lhes a dizer NÃO de forma imediata e firme a contactos impróprios e a contar o que se passou a um adulto de confiança.

2- Contacto físico bom e contacto físico mau.

As crianças nem sempre sabem o que é um contacto físico aceitável e um contacto físico inaceitável. Temos de ensinar aos nossos filhos que não devem aceitar que outros lhes vejam ou toquem nas partes íntimas do seu corpo ou que lhes peçam para

ver ou tocar nos de outra pessoa. A criança tem de saber que existe uma fronteira intransponível, fácil de memorizar: a roupa interior.

3- Segredos bons e segredos maus.

A principal tática dos agressores é o segredo. Por isso temos de ensinar às crianças, desde muito pequenas, a diferença entre segredos bons e segredos maus. A criança tem de saber que todos os segredos que lhe causam ansiedade, desconforto, medo e tristeza são segredos maus e que têm de ser imediatamente contados a uma pessoa de confiança. Os pais devem encorajar os filhos a contar-lhes os segredos maus.

4- Prevenção e proteção – responsabilidade dos adultos.

As crianças sujeitas a abusos sentem vergonha, culpa e medo. Os adultos devem evitar criar tabus sobre a sexualidade e devem estar atentos aos sentimentos e comportamentos das crianças, para que estas possam sentir-se sempre à vontade para falar com os pais sobre estes assuntos.

5- Outras indicações úteis e complementares à regra “aqui ninguém toca”:

- Informar e divulgar

A criança deve saber identificar os adultos que podem fazer parte do

seu círculo de confiança.

- Agressores conhecidos

Na maior parte dos casos, o agressor é uma pessoa que a criança conhece. Regra de ouro: a criança deve sempre contar aos pais quando alguém lhe oferece presentes, lhe pede para guardar segredos ou tenta passar tempo a sós com ela.

- Agressores desconhecidos

Ensinar aos filhos regras simples sobre contactos com estranhos: nunca entrar num carro com desconhecidos, não falar com desconhecidos, não aceitar presentes ou convites de pessoas desconhecidas.

- Ajuda

As crianças devem saber que existem profissionais que os podem ajudar (professores, médicos, psicólogos, polícias) e que existem linhas de apoio para onde podem ligar a pedir ajuda (linha 112; linha de apoio à vítima da APAV – 116 006; Linha SOS Criança – 116 111).

Vamos no mês da prevenção dos maus tratos na infância falar com os nossos filhos e discentes sobre esta regra simples “AQUI NINGUÉM TOCA” que pode prevenir muitas situações de abuso ou violência sexual contra crianças.

*Professor Jorge Ferreira  
CPCJ Marinha Grande*





## “FOI UMA NOITE DE SONHO”

**GILDA PAREDES ALVES** voltou a organizar o Baile da Flor, no Estoril. Na ocasião foram entregues cinco mil euros à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima



O ator Ricardo Carriço aceitou o convite de Gilda Paredes Alves e apresentou o evento solidário

A blogger Isabel Nogueira



O Hotel Palácio Estoril foi palco do 19.º Baile da Flor. “Foi uma noite de sonho”, conta GILDA PAREDES ALVES, que para este evento contou com a apresentação do ator RICARDO CARRIÇO. “Convidei-o pela pessoa que é e pelo ótimo profissional que tem sido ao longo dos anos”, adiantou a orga-

nizadora deste evento, já com tradição no Estoril.

A noite começou com um *cocktail* e uma atuação do tenor ARMANDO CALLADO. Seguiu-se uma atuação de LUISA MIRPURI, o jantar e um desfile de vestidos de festa da estilista MICAELA OLIVEIRA. “A soprano CARLA SIMÕES cantou en-





A empresária  
Palmira  
Costa Leite



A empresária Teresa Pinto Coelho



A hair stylist  
Isabel Queiroz  
do Vale



A advogada  
Virginia  
d'Almeida  
Gerardo usou  
um vestido  
de Micaela  
Oliveira



A assessora de  
marketing Maria  
José Galvão  
de Sousa

**Os vestidos longos marcaram o baile, que no próximo ano celebra a sua 20.ª edição. Gilda Paredes Alves promete, desde já, uma grande festa para o ano, "com pompa e circunstância"**

quanto desfilavam os modelos da Micaela Oliveira. A estilista tem vestidos lindos e já há algumas edições que nos associámos a ela. Os modelos que desenha têm imenso glamour e as pessoas gostam de ver", referiu Gilda, que também

vestiu nessa noite um modelo da estilista. As flores para o evento chegaram da Madeira e CARLOS PISARRA foi o responsável pela decoração das mesas. Pela segunda vez, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) foi a escolhida





ID: 80584775

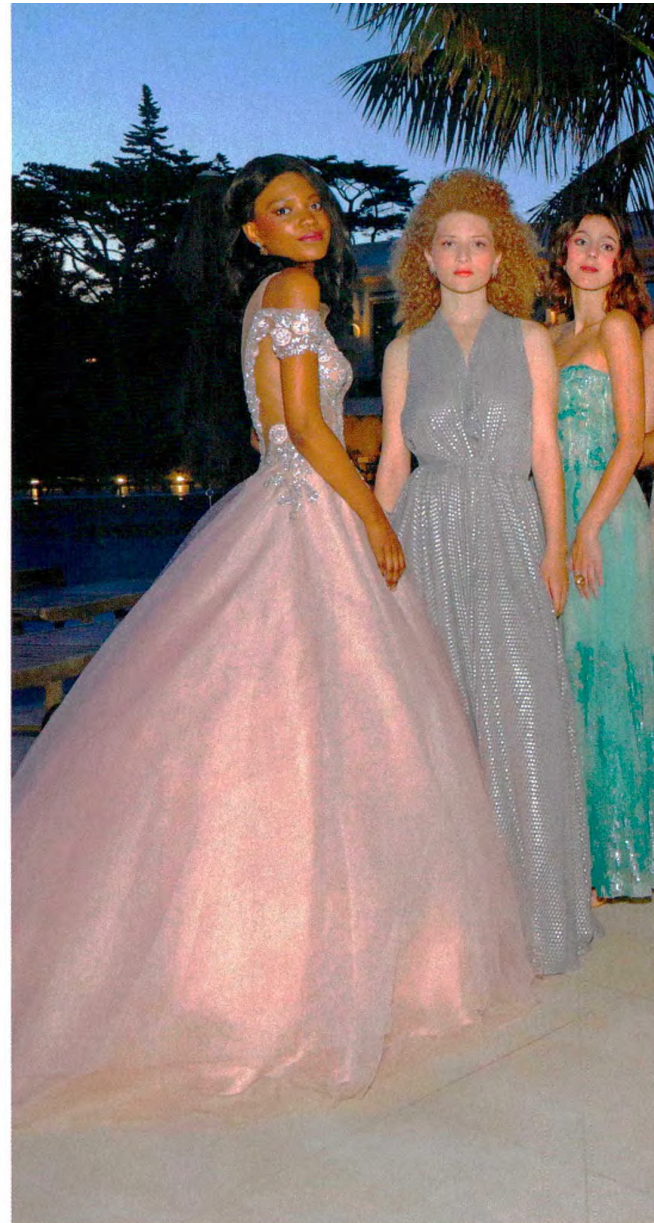
18-05-2019



A professora universitária Leonor Falé Balancho



A advogada Bebé Mesquita



O jantar decorreu no Salão Atlântico do Hotel Palácio Estoril





Gilda Paredes Alves (ao centro) com as manequins que desfilaram os vestidos da estilista Micaela Oliveira



A advogada Leila Nyrop com um modelo Micaela Oliveira



A advogada Fátima Poças



Conceição de Brito

**“Micaela Oliveira tem vestidos lindos que as pessoas gostam de ver”, diz Gilda Paredes Alves**

▶ para beneficiar da recolha de fundos. Desta vez foram angariados cinco mil euros. “O flagelo da violência doméstica, infelizmente, é um assunto muito atual e merece a ajuda e atenção de todos”, conclui Gilda, satisfeita com a contribuição de todos os presentes para esta causa. A noite ficou ainda marcada pelos vestidos longos e pela animação das mais de duas centenas de convidados presentes no hotel de cinco estrelas. **VIP**

Texto: Célia Esteves; Fotos: Helena Mourais



A elegância de Marion Krüse





ID: 80621450

21-05-2019

# APAV mostra novas instalações

**25 anos** Desde 1994, foram iniciados em Coimbra 11.500 processos de apoio de toda a região

O Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) de Coimbra da APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima faz esta quinta-feira 25 anos e a efeméride vai ser assinalada com um Open Day das novas instalações da associação - na Avenida Fernão de Magalhães n.º 153 - 1.º andar sala 1 - à comunidade.

A festa arranca às 11h00 e tem confirmada a presença de João Lázaro, presidente da APAV, assim como de representantes de várias entidades da cidade. O momento será, obviamente, de festa, mas também uma oportunidade para se fazer um balanço destes 25



APAV de Coimbra festeja quinta-feira o seus 25 anos

anos do Gabinete de Coimbra, aberto desde Maio de 1994 (o quarto da APAV no país) e responsável por 11.500 processos de apoio registados, com vítimas de toda a região.

«Tem sido considerado fundamental para o alargamento dos serviços de apoio às vítimas de crimes em toda a região centro do país», lê-se na nota enviada à imprensa, na qual é sublinhada a acção do Gabinete de Coimbra com um apoio «de forma humanizada, qualificada e gratuita a vítimas de todos os tipos de crime, seus/suas familiares e amigos/as».

Ao longo destes 25 anos, a o

Gabinete de Apoio à Vítima da APAV em Coimbra tem alargado o seu trabalho junto da comunidade, «estabelecendo parcerias formais e informais com várias entidades e estando presente em várias redes». É o caso do Grupo Violência (do qual a APAV é membro fundador), da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Coimbra, da Rede Social de Coimbra, da Rede Regional de Apoio a Vítimas de Tráfico de Seres Humanos, da Agência de Prevenção do Trauma e para a Defesa dos Direitos Humanos do CHUC ou ainda do Conselho Consultivo da Comarca de Coimbra.◀

## Na nova sede desde junho do ano passado

O Gabinete de Apoio à Vítima de Coimbra da APAV estava instalado na Rua do Teodoro n.º 1 - junto à Rua do Brasil - desde 1994 e 1996. Antes, passou por instalações provisórias na Junta de Freguesia de Santo António dos Olivais (entre 1994 e 1996). A mudança de instalações para o n.º 153 (1.º andar, sala 1) da Avenida Fernão de Magalhães, aconteceu já no passado mês de Junho de 2018.

Esta quinta-feira a nova sede será oficialmente inaugurada e apresentada a toda a comunidade.◀





# Violência doméstica com peso “preocupante” entre os crimes

A violência doméstica tem um peso “preocupante” entre os crimes de homicídio em Portugal e em quase um terço dos casos acompanhados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima há um relacionamento de intimidade entre vítima e agressor.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) tem há seis anos uma Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio, que este ano passou também a incluir as vítimas de terrorismo, a par de um Observatório de Imprensa de Crimes de Homicídio em Portugal e de Portugueses no Estrangeiro (OCH), criado em 2014 para melhor compreender o fenómeno.

Segundo o relatório anual referente a 2018 da Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio e Vítimas de Terrorismo, a que a Lusa teve acesso, entre os crimes acompanhados destacam-se “as relações de proximidade entre os autores e as vítimas de crime”, sendo de “destacar as relações de intimidade entre autores e vítimas”.

“Os relacionamentos entre cônjuges, namorados, ex-namorados, companheiros e ex-companheiros representam 31,25% da totalidade dos diferentes tipos de relacionamentos”, refere a APAV.

De acordo com a organização, “este número remete para a importância que a violência doméstica tem para a produção de crimes de homicídio em Portugal”.

Analisando os 28 casos de homicídios tentados acompanhados pela Rede de Apoio, os números mostram que quase 40% deles (11) têm na origem uma relação de inti-

midade entre agressor e vítima, com quatro casos cometidos pelo cônjuge, três pelo companheiro, outros três pelo ex-companheiro e um pelo namorado.

Já entre os 20 casos de homicídios consumados, a percentagem chega aos 20%, com dois casos cometidos pelo cônjuge da vítima, um pelo companheiro e o outro pelo ex-companheiro.

Em declarações à agência Lusa, o responsável pela Rede de Apoio apontou que “é preocupante” a questão de proximidade entre autor do crime e vítima e como isso ocupa uma “fatia bastante grande” entre os homicídios reportados.

Bruno Brito apontou que os dados do OCH mostram que houve 87 casos de homicídio em Portugal no ano passado, 32 (36,78%) dos quais em contexto de violência doméstica, 20 (23%) dos quais com vítimas mulheres.

Ou seja, quase um em cada quatro homicídios são de uma mulher em contexto de um relacionamento de intimidade e perto de 37% dos homicídios ocorridos em Portugal “têm como ponto comum a existência de violência doméstica”.

Relativamente às 20 mulheres mortas no ano passado, Bruno Brito explicou que o procedimento é de verificar se a vítima estava a ser ou tinha sido acompanhada pela associação, sendo que só muito raramente isso aconteceu.

“Isto é muito preocupante porque sabe-se que na maior parte das vezes a situação de violência doméstica não acontece apenas numa situação de crime único, ou seja, quando acontece uma situação de homicídio, isto decorre na sequência de uma escalada

de violência”, salientou.

De acordo com o responsável, isto demonstra que “de alguma forma, a sociedade ainda esconde estas situações”, que só se tornam visíveis numa forma mais extremada, como homicídio.

Bruno Brito aproveitou para chamar a atenção para os 25 casos de homicídios de portugueses no estrangeiro, cinco deles na Venezuela, três no Brasil, mas também dois na Síria, em combate pelo grupo terrorista do auto-proclamado Estado Islâmico, quatro em Inglaterra ou dois na Bélgica.

O responsável salientou que, nestes casos, a maior dificuldade está em identificar e contactar as famílias para lhes poder oferecer algum tipo de apoio, sendo que muitas vezes nem conseguem chegar à fala com essas pessoas.

Acrescentou que a APAV continua a tentar estabelecer parcerias com as autoridades nacionais, estando a aguardar que seja possível chegar a um protocolo oficial com o Ministério dos Negócios Estrangeiros para que passe a haver um procedimento sistematizado e todas as situações de portugueses assassinados no estrangeiro possam ter o mesmo tipo de acompanhamento.

Os dados da Rede de Apoio mostram ainda que, em 2018, foram apoiadas 68 pessoas, uma parcela das 531 ajudadas ao longo dos últimos seis anos por causa de 418 crimes reportados e por causa das quais foram feitos 3.486 atendimentos.

Entre as pessoas apoiadas, tanto devido a homicídios tentados como consumados, a maioria eram mulheres, enquanto os alegados autores eram sobretudo homens. ■



ID: 80641317

22-05-2019

# Violência doméstica com crimes mais sofisticados na região

**APAV** Natália Cardoso, coordenadora do Gabinete de Coimbra da APAV que celebra amanhã 25 anos fala num incremento do violência psicológica, no uso das redes sociais e na violência contra seniores

Os casos de violência doméstica que têm chegado ao Gabinete de Apoio à Vítima de Coimbra não têm aumentado, mas há um incremento de sofisticação por parte dos agressores e no recurso a redes sociais. Em 25 anos de existência, o Gabinete da APAV registou 12.299 processos, sendo a maioria (cerca de 80%) relacionada com violência doméstica (violência conjugal, violência contra idosos e contra crianças e jovens), disse a coor-

denadora, Natália Cardoso.

Nos casos de violência conjugal, há decréscimo de novos processos a partir de 2016, mas com «situações mais complexas, o que exige um trabalho e um esforço maior por parte da equipa», notou. Segundo Natália Cardoso, as vítimas entram em contacto com a APAV com mais conhecimento sobre o que podem fazer, mas o tipo de violência reportado «é diferente do de há 20 ou 25 anos». «Antes, havia muitas situações



**Violência** com novos contornos a chegar à APAV

associadas ao alcoolismo. Agora já não é tanto assim e há uma sofisticação na própria violência», constatou, notando-se cada vez mais formas de violência psicológica. Os agressores «conseguem efectuar estes actos de violência de forma que dificilmente possam ser detectados por terceiros, o que torna mais difícil provar a existência de violência».

De acordo com a responsável que abrange toda a região Centro, as redes sociais são

cada vez mais usadas como instrumento para perseguir e tentar localizar a vítima e contactá-la ou como meio para exercer violência. «As redes sociais são usadas como forma de magoar a vítima, expondo a situação, fazendo divulgação de imagens ou conversas ou denegrindo a pessoa junto de familiares e amigos», explicou.

Natália Cardoso referiu ainda que se tem registado um aumento na procura de pedidos de ajuda relativamente a pessoas idosas, sendo que, na maioria dos casos, não é a própria vítima a contactar o gabinete, mas familiares, vizinhos ou instituições, sendo frequentemente situações de violência por parte do cuidador.

O Gabinete da APAV de Coimbra celebra 25 anos amanhã, com um 'Open Day' e a inauguração de instalações, na Avenida Fernão de Magalhães. ◀





hoje 11:00 Avenida Fernão de Magalhães, n.º 153

## APAV comemora 25 anos em Coimbra com novas instalações

●●● A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) assinala hoje o 25.º aniversário da sua presença em Coimbra com a inauguração de novas instalações na avenida Fernão de Magalhães, n.º 153 (1.º andar, sala 1), pelas 11H00, e com um dia aberto do novo espaço do Gabinete de Apoio à Vítima de Coimbra. O evento conta com a presença do presidente da APAV, João Lázaro, assim como de representantes de várias entidades da cidade. Desde maio de 1994 que o gabinete apoia de forma gratuita vítimas de todos os tipos de crime, seus familiares e amigos. Desde a sua abertura, registam-se cerca de 11.500 processos de apoio iniciados, de vítimas não só do distrito de Coimbra mas de toda a região.



DR



**Casos não aumentaram mas são mais complexos**

## APAV de Coimbra celebra 25 anos com novas instalações

O Gabinete de Apoio à Vítima de Coimbra da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) abre as suas novas instalações, na avenida de Fernão de Magalhães, hoje, pelas 11h00.

Este será um dia aberto na APAV, que vai contar com as presenças do presidente da Associação, e de representantes de várias entidades da cidade.

Nos últimos anos, apesar de os casos de violência doméstica não terem aumentado, o Gabinete registou sim um incremento no nível de sofisticação por parte dos agressores e no recurso às redes sociais.

Em 25 anos, a APAV de Coimbra, que abrange toda a região Centro, registou 12 299 processos (até 2018), sendo a grande maioria (cerca de 80 por cento) relacionados com a violência doméstica, em que estão incluídas a violência conjugal, a violência contra idosos e contra crianças e jovens, disse a coordenadora da organização, Natália Cardoso.

Nos casos de violência conjugal, o Gabinete tem registado um decréscimo de novos processos a partir de 2016, mas os casos apresen-

tam cada vez “situações mais complexas, o que exige um trabalho e um esforço maior por parte da equipa”, notou.

Segundo a responsável, as vítimas entram em contacto com a APAV com mais conhecimento sobre o que podem fazer, mas o tipo de violência reportado “é diferente do de há 20 ou 25 anos”.

“Antes, havia muitas situações associadas ao alcoolismo. Agora já não é tanto assim e há uma sofisticação na própria violência”, constatou, referindo que se notam cada vez mais formas de violência psicológica e as redes sociais também são cada vez mais usadas, seja como instrumento para perseguir e tentar localizar a vítima e contactá-la ou como meio para exercer violência.

A coordenadora sublinhou, ainda, que se tem verificado um aumento na procura de pedidos de ajuda relativamente a pessoas idosas, sendo que, na maioria dos casos, não é a própria vítima a contactar o gabinete, mas familiares, vizinhos ou instituições, sendo frequentemente situações de violência por parte do cuidador.





ID: 80684058

24-05-2019

# APAV de Coimbra é “um exemplo de perseverança”

**25 anos** Novo gabinete é homenagem à sua primeira gestora, Manuela Carvalho, recentemente falecida



**Gabinete** da APAV foi inaugurado por Henrique, Guilherme e Madalena, filhos de Manuela Carvalho

## Ana Margalho

Emoção. Pode resumir-se assim o ambiente vivido ontem de manhã por responsáveis e técnicos do Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) de Coimbra da APAV durante a inauguração das novas instalações, na Avenida Fernão de Magalhães, 153.

Emoção por 25 anos de apoio a 11.500 pessoas (vítimas, familiares e amigos) que ali se celebraram ontem. Emoção porque o GAV de Coimbra conseguiu concretizar o “sonho” de dar às pessoas que apoia todas as condições físicas (ajuntar às técnicas, que sempre existiram). Emoção porque as novas instalações, com dois gabinetes de atendimento e uma sala po-

livalente, foram ontem inauguradas em homenagem a Manuela Carvalho, a primeira gestora daquele espaço, recentemente falecida.

«O GAV de Coimbra é exemplo de perseverança», afirmou João Lázaro, presidente da APAV, destacando o seu papel, ao longo deste anos, «dentro da rede de serviços e de proximidades» da associação, «sempre com o espírito de serviço à comunidade», muito à imagem de Manuela Carvalho, a quem as novas instalações do gabinete prestam tributo.

O GAV de Coimbra foi, aliás, inaugurado pelos três filhos da responsável, Henrique, Guilherme e Madalena Prata Ribeiro, cabendo ao primeiro su-

blinhar a importância que a APAV e o Gabinete de Coimbra teve para a sua mãe: «Crescemos um bocado na APAV, onde estávamos horas com a nossa mãe», afirmou Henrique Ribeiro, lendo notas sobre o GAV encontradas recentemente no computador da mãe.

Antes de, juntamente com Natália Cardoso, actual coordenadora do gabinete, fazer uma visita guiada às novas instalações, João Lázaro sublinhou ainda a importância do trabalho de cooperação e das parcerias nas quais o GAV de Coimbra está envolvido, não tendo dúvidas de que está também aqui a razão do sucesso do trabalho dos técnicos no distrito. ◀

## P2020 financia novo GAV pelo projecto Care



Ter melhores instalações, com mais conforto, que permitam, acima de tudo, garantir a confidencialidade das vítimas (e suas famílias e amigos) apoiados pelo GAV de Coimbra sempre foi um desejo da direcção da APAV. A concretização acontece agora, graças a um financiamento, através do Portugal 2020, direccionado ao Projecto Care, no qual o gabinete de Coimbra está envolvido desde 2016 no âmbito de uma rede apoio especializado a crianças a jovens vítimas de violência sexual. Coordenado por Gorette Cardoso e Inês Bastos este projecto coloca a APAV em parceria com outras instituições, como tribunais ou a medicina legal, no acompanhamento a este tipo de vítimas específico. E, apesar de não ter um número exacto de crianças e jovens acompanhados nos últimos anos, Gorette Cardoso garante que são encaminhados casos «todas as semanas», sendo também certo que «muitos casos não chegam ao conhecimento das instituições», rematou. ◀



# Cem jovens pediram ajuda à APAV por crimes sexuais durante a infância

Os pedidos de ajuda à APAV por abuso sexual de crianças cresceram todos os anos desde 2013. O aumento passou a ser mais expressivo em 2016. Só no ano passado, houve 269 pedidos

## Violência Ana Dias Cordeiro

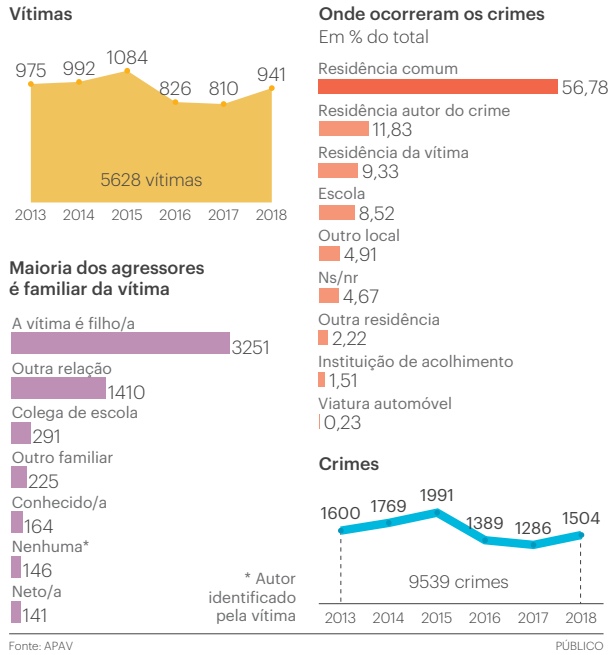
O abuso sexual de crianças foi a situação que mais pedidos de ajuda motivou entre 2013 e 2018 no universo dos crimes contra crianças e jovens comunicados à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). As estatísticas da associação, que são divulgadas hoje, mostram que só em 2018 foram apresentados 269 pedidos de ajuda por esse motivo.

No universo total de crimes sexuais, para além dos abusos, foram feitos 881 pedidos de apoio entre Janeiro de 2016 e Maio de 2019 – 101 dos quais apresentados pessoalmente pelas vítimas já depois de completarem os 18 anos (11,5%).

“Temos vindo a apoiar jovens com mais de 18 anos que pedem ajuda para situações de abusos sexuais que vivenciaram na infância”, explica Carla Ferreira, criminóloga e gestora técnica da rede Care da APAV. “Nestes casos, o pedido de apoio pode ser feito muitos anos depois do crime.”

“E isso acontece por várias razões. “Porque nunca ninguém acreditou neles e, por isso, eles esperaram atingir a maioridade para eles próprios tomarem uma ação em relação a isso; porque nestas idades, o início da actividade sexual traz memórias do que viveram e precisam de ajuda para [ultrapassar] essas situações; mas também acontece porque só agora ganharam a coragem” que lhes permite “denunciar a situação”.

Nos crimes sexuais, o abuso é o mais expressivo (62% dos casos) nos últimos anos, bem como os actos praticados de forma continuada (acontece em 64% das situações). Outros crimes abrangidos pelas estatísticas da APAV incluem maus tratos físicos ou psicológicos, em contexto de violência doméstica ou escolar, entre outros. A responsável conclui: “Legalmente, nessas situações é possível fazer denúncia até aos 23 anos se tiverem sofrido os abusos quando eram menores.” Nem sempre querem fazer denúncia e “nós respeitamos essa vontade”, acrescenta. Seja com ou sem queixa apresentada, “temos tido muitas pessoas a pedirem apoio mui-



to tempo depois de a situação ter ocorrido”.

No conjunto das crianças entre os 14 os 17 anos, também houve casos em que foram as próprias “a pedir ajuda pessoalmente”, confirma Carla Ferreira. “Mas a maioria dos pedidos é feita através das estruturas onde elas estão inseridas, escolas, representantes legais. Quem denuncia é muitas vezes quem é a cuidadora da criança”. Isso acontece quando são mais pequenas. Entre os pedidos de apoio por crimes sexuais de Janeiro de 2016 a Maio de 2019, 17,4% foram relativos a crianças até aos sete anos; do total dos pedidos, 29,3% foram de situações de crianças entre os oito e os 13 anos.

### “Alvos fáceis”

“Até aos sete anos, o número de pedidos de apoio é menos expressivo, mas não quer dizer que haja menos abusos. Tem a ver com o facto de as crianças terem menos capacidade de linguagem para poderem denunciar a situação. Não conseguem elas próprias identificar o que aconteceu como problemática ou pedir ajuda. São muitas vezes alvos mais fáceis, por serem muito pequeninas e por não entenderem as situações”, explica Carla Ferreira.

E se contarem, ainda há situações em que os adultos não acreditam? “Ainda há. Por exemplo, quando, numa primeira fase, não estão preparados para ouvir um filho dizer que alguém praticou com eles um acto de natureza sexual. É normal que, numa primeira fase, haja um mecanismo de negação”, enquadra a especialista. “Temos um pouco de tudo: situações em que as pessoas não acreditam de todo e nunca vão pedir ajuda; situa-

ções em que há um compasso de espera de algumas horas ou dias” antes de as pessoas “interiorizarem a situação” e pedirem ajuda.

Foi a realidade destes crimes que levou a APAV a criar a Care, de apoio especializado a crianças e jovens vítimas de violência sexual, em Janeiro de 2016. A equipa foi crescendo desde então e está agora distribuída pelos 18 distritos, Açores e Madeira. “Tem uma ligação muito directa à Polícia Judiciária, ao Instituto Nacional de Medicina Legal, às comissões de protecção de crianças e jovens, escolas e centros de acolhimento”, entre outras entidades, explica Carla Ferreira.

Com a criação dessa rede, mais pedidos de apoio deram entrada. Entre 2016 e 2017, nesta situação específica de abuso até aos 14 anos, quase duplicaram os pedidos (passaram de 60 para 108). Em 2018, aumentaram para 199 e, no ano passado, registaram um novo aumento, para 269.

Estes números representam, contudo, uma pequena proporção apenas dos casos reportados às autoridades policiais, que, por sua vez, são “a ponta do icebergue” desta realidade, garante a criminóloga Carla Ferreira, responsável nacional da Care. Em 80,3% dos casos, as vítimas são meninos. Mais de metade das situações (54%) acontece na família; em 20% das situações, o autor ou autora é pai ou mãe; em 11% dos pedidos de ajuda, o crime sexual foi perpetrado pelo padrasto ou madrasta.

Os autores destes crimes sobre crianças e jovens são sobretudo homens (91,5%); em 5% dos casos são mulheres e em 3,5% não foi possível saber. Quando o abuso é praticado dentro da família, a criança faz a revelação a um adulto, como um professor, ou em desespero a um adulto que lhe pareça poder ajudar. Muitas situações ficam em silêncio porque a criança tem medo de represálias ou de desintegrar a família com essa denúncia, diz Carla Ferreira. Numa tentativa de descrever os casos mais frequentes, a responsável diz que as pessoas pedem ajuda por vários motivos porque não sabem como agir e pedem apoio jurídico e psicológico.



Os autores destes crimes são sobretudo homens (91,5%)

**Foi a realidade destes crimes que levou a APAV a criar a rede Care, de apoio especializado a crianças e jovens, em Janeiro de 2016**

acordeiro@publico.pt

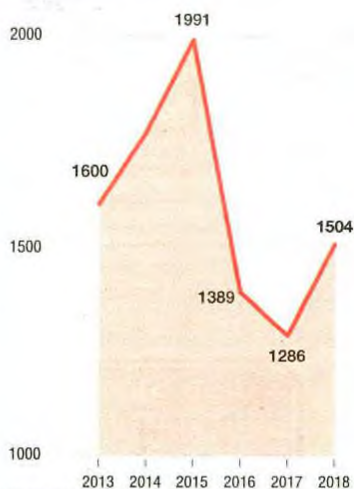


# Há cada vez mais crianças vítimas de abusos sexuais

Todos os meses, 22 jovens recorrem ao apoio da APAV

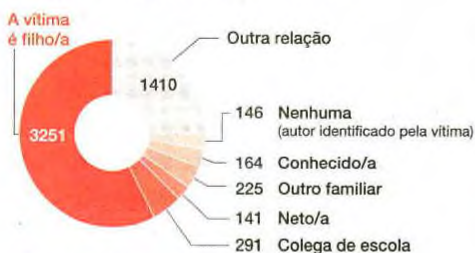
Crianças e jovens vítimas de violência

Número de crimes



FONTE: APAV

Relação do agressor com a vítima



Tipologia dos principais crimes

1.º	Abuso sexual de crianças (menos de 14 anos)	269
2.º	Importunação sexual	49
3.º	Outros crimes sexuais	47
4.º	Ofensas à integridade física simples	41
5.º	Maus-tratos	27
6.º	Pornografia de menores	25
7.º	Violação	22
8.º	Ameaça/coação	21
9.º	Difamação	16
10.º	Homicídio consumado	11

**Roberto Bessa Moreira**  
roberto.moreira@jn.pt

**VIOLÊNCIA** O número de crianças menores de 14 anos vítimas de abuso sexual não tem parado de aumentar desde 2013. Segundo dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), só no ano passado 269 meninos e meninas foram acompanhados pelos técnicos da instituição, o que representa um crescimento de 70 vítimas relativamente a 2017 e de 132 face a 2013.

Aliás, todos os meses, 22 crianças e jovens que sofrem violência sexual recorrem à Rede Care, da APAV. São 881 vítimas seguidas desde janeiro de 2016, apenas através deste programa específico. Mais de 80% são raparigas, 37% têm entre 14 e 17 anos e muitas são alvo de abusos sexuais e violadas pelos próprios pais.

Os dados constam de um relatório que será divulgado hoje e que revela um cenário ainda mais dramático. A APAV sinalizou, no âmbito da Rede Care, mas também de outros serviços disponíveis, 1504 crimes sexuais, envolvendo 941 vítimas menores de idade, em 2018.

Um número que coloca um ponto final na tendência de descida que se vinha a verificar desde 2015. Para Carla Ferreira, responsável da Rede Care da APAV, o registo de um número crescente de crimes sexuais com crianças não está dissociado de uma maior consciência da sociedade com a temática.

“Estes são crimes votados ao silêncio, mas, pouco a pouco, têm sido tornados públicos por quem está próximo das vítimas. Temos feito um trabalho de sensibilização muito grande, que já envolveu 11 mil pessoas, e isso tem ajudado a mudar mentalidades”, alega Carla Ferreira.

A criminóloga acrescenta que a Rede Care aposta “na proximidade” e que, além de dispor de gabinetes em 10 concelhos, de Norte a Sul do país, tem técnicos que se deslocam às localidades onde o seu trabalho é necessário. “A Rede Care não se esgota no apoio psicológico às vítimas. Também prestamos apoio jurídico nos casos em que a vítima pede indemnização e oferecemos acompanhamento muito próximo e durante o tempo que for preciso”, sustenta. ●

## CARACTERIZAÇÃO

### Abusos na escola

Entre 2013 e 2018, foram cometidos 515 crimes de natureza sexual em contexto escolar. Só no ano passado, as escolas foram palco de 87 crimes, menos dois do que no ano anterior e menos 18 do que em 2015.

### Colegas são agressores

Muitas das vítimas de abusos sexuais são agredidas por colegas de escola. Os dados mostram que 291 autores de um crime sexual andavam no mesmo estabelecimento escolar que a vítima.

### País lideram estatística

Em 3251 casos, o autor do crime sexual era pai ou mãe da vítima. E em 141 situações o agressor era avô dos meninos e meninas alvos de abusos sexuais e, em vários episódios, vítimas de violação.



Base de dados foi analisada

## Europol identifica em base de dados três menores alvos de crimes

Portugal participou em encontro que reuniu especialistas internacionais

**HOLANDA** A Europol, serviço europeu de polícia, identificou três crianças vítimas de abuso sexual. Uma reside na Europa, outra nos Estados Unidos da América e a terceira vive na Rússia.

A identificação das vítimas aconteceu durante um encontro, que reuniu na sede deste organismo, em Haia, na Holanda, 34 especialistas internacionais neste tipo de crime. Um deles era português.

Não foi a primeira vez que a Europol promoveu esta iniciativa, que visa a partilha de informações, conhecimento e tecnologia entre as polícias europeias. Com este objetivo, 34 agentes policiais, de 24 países, marcaram presença na sede do organismo, entre os dias 13 e 24 deste mês, e todos analisaram a base de dados internacional de crianças alvo de abusos sexuais. Também recorreram a tecnologia de última geração, nomeadamente programas informáticos que permitem o reconhecimento facial, para tentarem identificar as crianças que surgiam nos ficheiros de imagem e vídeo armazenados no Centro de Cibercrime Europeu (CCE).

### LOCALIZAR VÍTIMAS

Ao longo dos 12 dias de trabalho, os polícias conseguiram descobrir a identidade de três menores alvo de abusos sexuais. A informação foi, de imediato, transmitida às autoridades do país das vítimas, que vão agora concluir o processo de localização das crianças. Também foram anexadas centenas de ficheiros, com imagens de vítimas, à base de dados internacional.

Para Steven Wilson, líder do CCE, “o esforço conjunto desta equipa de investigação pode fazer uma grande diferença na vida das vítimas”. ● ROBERTO BESSA MOREIRA

JUSTIÇA

### REDE CARE

10 509

atendimentos realizados pelos técnicos da Rede Care da APAV, em 40 meses. A média é de 263 consultas por mês.

91,4%

dos criminosos são homens identificados nos processos da Rede Care. Entre estes, há pais, padrastos, avós, tios e irmãos.

78,5%

dos casos denunciados às autoridades foram, depois, encaminhados para a APAV. 14,6% das situações foram sinalizadas pela própria APAV.



## ⊙hoje

## Protocolo APAV abre Gabinete de Apoio à Vítima no DIAP de Braga

A APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima abre hoje as instalações de dois novos Gabinetes de Apoio à Vítima (GAV).

Os novos GAV DIAP de Braga e GAV DIAP de Faro localizam-se nas sedes dos Departamentos de Investigação e Acção Penal (DIAP) das respectivas comarcas.

Operacionalizados por Técnicas de Apoio à Vítima da APAV, os novos Gabinetes de Apoio à Vítima atenderão vítimas de violência doméstica e de género encaminhadas por estes departamentos. A abertura dos GAV DIAP de Braga e Faro decorre do protocolo assinado entre a APAV, o Ministério da Justiça e a Procuradoria-Geral da República. O protocolo foi assinado a 7 de Março de 2019, primeiro Dia de Luto Nacional pelas Vítimas de Violência Doméstica.



DR

DIAP de Braga acolhe novo gabinete



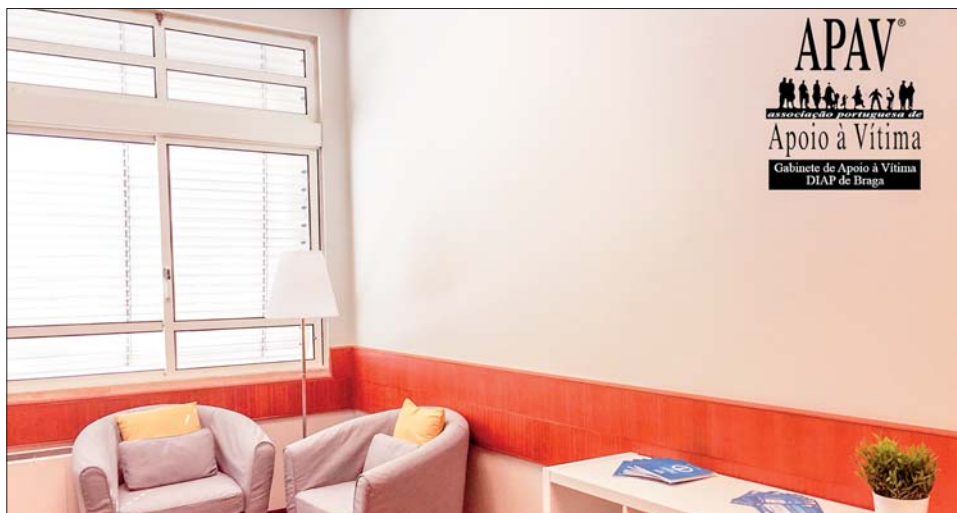
A PARTIR DE HOJE

# Comarca de Braga passa a ter gabinete de apoio da APAV

As comarcas de Braga e de Faro acolhem, a partir de hoje, dois Gabinetes de Apoio da Associação de Apoio à Vítima (APAV), onde podem dirigir-se vítimas de violência doméstica e de género.

As instalações dos dois novos Gabinetes de Apoio à Vítima (GAV) da Associação passam a instalar-se nas sedes dos departamentos de Investigação e Ação Penal (DIAP) das comarcas de Braga e Faro.

O Ministério da Justiça anunciou em 7 de março que seis comarcas iriam ter, a partir de abril, gabinetes de atendimento a vítimas de violência doméstica ou de género,



Os gabinetes ficam instalados nas sedes dos DIAP de Braga e Faro

ao abrigo de protocolos entre Governo, Procuradoria-Geral da República (PGR) e três organizações não-governamentais.

A abertura dos GAV

DIAP de Braga e Faro decorre do protocolo assinado entre a APAV, o Ministério da Justiça e a Procuradoria-Geral da República.

O critério para escolher as seis comarcas foi escolher zonas do país com "maior número" de casos de violência doméstica ou de género.

DR





29-05-2019

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 11

Cores: Cor

Área: 4,72 x 13,62 cm<sup>2</sup>

Corte: 1 de 1



### *Abuso de menores*

## APAV ajudou 22 vítimas por mês

#### **VIOLÊNCIA SEXUAL**

Nos últimos três meses, a Associação de Apoio à Vítima (APAV) ajudou, em média, 22 crianças vítimas de violência sexual por mês e fez 263 atendimentos por mês. Segundo os dados relativos à Rede Care – de apoio a crianças e jovens –, nos últimos três anos houve 881 crianças e jovens que precisaram de ajuda.

#### **MAIS RAPARIGAS**

Os casos referem-se sobretudo a raparigas entre os oito e os 17 anos residentes nos distritos de Lisboa e Porto. Além disso, a maior parte dos crimes aconteceu no seio da família próxima.



## DISCURSO DIRETO

**Carla Ferreira, Gestora técnica da rede CARE da APAV, sobre abuso sexual de crianças**

## “HÁ UM NÚMERO ELEVADO DE CASOS POR DENUNCIAR”

**CM** – De acordo com o relatório da APAV, registou-se um aumento do número de casos de crianças vítimas de abuso sexual. Em

2016 a média era de 16 casos por mês, desde o início deste ano são 32 novos casos.

Como vê esta evolução?

**Carla Ferreira** – O expectável seria o contrário. No entanto, isto não significa que existam mais situações, significa, sim, que existe uma maior divulgação das situações.

– **Por que é que ainda se registam casos que não são denunciados?**

– O número de situações de



não denúncia é ainda muito elevado. Geralmente são crimes ligados a uma dinâmica de segredo e, por isso, existem certamente

mais situações do que aquelas que apuramos.

– **Os principais perigos para as crianças estão dentro da própria família?**

– Não podemos generalizar, no entanto a maior parte das situações que registamos são num contexto de grande proximidade entre os agentes. É muitas vezes dentro de um contexto de quatro paredes e, por isso, são situações que merecem a nossa maior atenção. ● E.C./P.F.





APAV

## Mais de 5.600 crianças vítimas

Entre 2013 e 2018, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima ajudou 5.628 crianças vítimas de crime ou violência. Nos últimos três anos houve 881 crianças e jovens vítimas de violência sexual.



APAV ajudou 5.628 vítimas, crianças e jovens, entre 2013 e 2018

## Quase três crianças vítimas de crime por dia

●●● Quase três crianças por dia, em média, foram vítimas de crime e de violência e precisaram da ajuda da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) nos últimos seis anos, sendo que em 2018 foram mais de 900.

De acordo com dados estatísticos da APAV, referentes a crianças e jovens vítimas de crime e de violência entre 2013 e 2018, a associação ajudou 5.628 vítimas no global dos seis anos, o que dá uma média de 938 crianças por ano, 78 por mês e 2,5 por dia.

Segundo a APAV, 2015 foi o ano com mais vítimas, tendo havido 1.084 crianças e jovens que recorreram à associação. A partir daí o número tem vindo a diminuir, passando de 826 em 2016 e 810 em 2017, para aumentar novamente em 2018 para 941 vítimas.

Por outro lado, foram registados 9.539 crimes, uma média de 1.590 por ano, sendo que foi igualmente em 2015 que esse número foi mais elevado, com registo de 1.991 crimes.

### Crimes aumentaram 17% em 2018

Olhando para 2018, a APAV contabilizou 1.504 crimes, mais 218 do que em 2017, o que representa um aumento de 17%.

Relativamente à caracterização das vítimas, a APAV mostra que, para todos os anos, a maioria são raparigas, sendo que é em 2018 que a diferença entre géneros é mais acentuada, numa relação de um rapaz para cada duas raparigas, já que apoiaram 628 meninas e 312 meninos.

Entre as 941 crianças e jovens apoiados no ano passado, 389 tinham até

dez anos, enquanto as outras 552 tinham idades entre os 11 e os 17 anos.

Estas crianças viviam sobretudo em famílias nucleares com filhos (34,8%) ou monoparentais (21,1%), uma tendência verificada ao longo dos seis anos, e em 3.251 casos eram filhos do agressor.

No global, o autor do crime é sobretudo do sexo masculino (83,19%), com uma preponderância para as idades entre os 18 e os 64 anos, e a vitimação foi continuada, sobretudo perpetrada na residência comum (56,78%).

### Abuso sexual e maus tratos em destaque

Na maior parte dos casos (44,72%) foi feita denúncia, grande parte delas às comissões de proteção de crianças e jovens.

Relativamente ao tipo de crime, as estatísticas da APAV mostram que, no que diz respeito aos crimes contra pessoas, o abuso sexual de crianças foi o mais assinalado entre 2013 e 2018, enquanto nos casos mais específicos de violência doméstica, os crimes de maus tratos psíquicos (455) e físicos (187) são os que se destacam.

“Dos restantes crimes e formas de violência assinalados, o grande destaque, no que diz respeito aos crimes contra crianças, vai para o crime de bullying, com um total de 301 crimes”, lê-se no relatório.

A APAV registou ainda 515 crimes contra crianças em contexto escolar, com um pico de ocorrências (105) em 2015, tendo posteriormente o número vindo a baixar, desde 90 em 2016, 89 em 2017 e 87 em 2018.





## VIOLÊNCIA DOMÉSTICA



Espaço abriu no DIAP de Faro

## Gabinete para apoiar vítimas

■ Entrou ontem em funcionamento o Gabinete de Apoio a Vítimas de Violência de Género do Departamento de Investigação e Ação Penal (DIAP) de Faro e que conta com uma técnica da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. “Trata-se de uma resposta que assegura, em continuidade, atendimento, informação, apoio e encaminhamento personalizado de vítimas de violência doméstica e de género, com vista à respetiva proteção”, revela o DIAP. ●T.G.



## Abusos sexuais contra crianças e jovens dispararam nos últimos três anos

Os casos de abusos sexuais de crianças e jovens dispararam nos últimos três anos. Segundo dados da Associação de Apoio à Vítima (APAV), durante os últimos três anos, a associação prestou ajuda, por mês, a cerca de 22 crianças vítimas de violência doméstica. No total, tiveram de ser ajudadas 881 crianças.

Os números revelam ainda que 80,3% das vítimas eram raparigas. O distrito que registou mais casos foi Lisboa (303) seguido do Porto (150).

A APAV indica ainda que a maior parte dos crimes ocorreu dentro da família. Cerca de 20% dos casos envolviam os pais, 11,7% diziam respeito ao padrasto ou madrasta e 5,8% aos avós. Nos crimes cometidos fora da família, em 12,1% dos casos o agressor conhecia a criança.





ID: 80763056

29-05-2019

## APAV já apoiou mais de 5.600 crianças vítimas de crime

**DESDE 2013** Quase três crianças por dia foram vítimas de crime e de violência e precisaram da ajuda da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) nos últimos seis anos, sendo que em 2018 foram mais de 900.

De acordo com dados estatísticos da APAV, referentes a crianças e jovens vítimas de crime e de violência entre 2013

e 2018, a associação ajudou 5.628 vítimas no global dos seis anos, o que dá uma média de 938 crianças por ano, 78 por mês e 2,5 por dia.

Segundo a APAV, 2015 foi o ano com mais vítimas, tendo havido 1.084 crianças e jovens que recorreram à associação. A partir daí o número tem vindo a diminuir, passando de 826 em 2016 e 810 em 2017,

para aumentar novamente em 2018 para 941 vítimas.

Por outro lado, foram registados 9.539 crimes, uma média de 1.590 por ano, sendo que foi igualmente em 2015 que esse número foi mais elevado, com registo de 1.991 crimes.

Olhando para 2018, a APAV contabilizou 1.504 crimes, mais 218 do que em 2017, o que representa um aumento de 17%.◀



ID: 80763740

29-05-2019

## Abuso de menores: APAV apoiou mais de 20 vítimas por mês

A Associação de Apoio à Vítima ajudou, nos últimos três, uma média de 22 crianças vítimas de violência sexual por mês, sobretudo raparigas entre os oito e os 17 anos, sendo que a maioria dos crimes ocorreu na família.

De acordo com dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) relativos à Rede Care, de apoio a crianças e jovens vítimas de violência sexual, houve 881 crianças e jovens que precisaram de ajuda nos últimos três anos, entre Janeiro de 2016 e Maio de 2019.

Significa isto que, em média, a APAV apoiou 22 crianças todos os meses, e fez 263 atendimentos por mês, tendo também ajudado 140 pessoas que eram familiares ou amigos das crianças, o que totalizou 10.509 atendimentos.

Os dados da Rede Care mostram que as vítimas eram (80,3%) raparigas, com idades entre os oito e os 17 anos (66,51%), residentes sobretudo nos distritos de Lisboa (303 casos) e do Porto (150).

A maior parte (54,1%) dos crimes aconteceu no seio da família próxima, começando pelo pai ou mãe (19,8%), padrasto ou madrasta (11,7%), avós (5,8%), tios (5,2%), irmãos (2,3%) ou ainda outros familiares (9,3%).

Nas situações em que os crimes foram cometidos por pessoas fora da rede familiar (39,9%), constatou-se que, ainda assim, em 12,1% dos casos o agressor era conhecido da criança, em 5,9% era mesmo colega ou amigo, em 4,2% era vizinho, em

1,8% das situações era funcionário escolar, em 1,1% era funcionário de actividades. Em 6,6% dos casos era uma pessoa desconhecida ou tinha outro tipo de relação com a criança (8,2%).

Quase dois terços (62%) dos crimes reportados tinham a ver com abuso sexual, ou seja, um acto sexual de relevo com uma criança até aos 14 anos, havendo também registo de violações (7,1%), importunação sexual (11,2%), actos sexuais com adolescentes (4,2%), recurso à prostituição de menores (0,7%) ou pornografia de menores (3,9%).

Na maioria (63,8%), os actos foram praticados de forma continuada e os autores eram maioritariamente (91,4%) homens.

Em 78,5% dos casos foi feita denúncia às autoridades policiais ou aos tribunais, sendo que em 14,6% das situações foi a própria APAV a fazer essa denúncia.

Relativamente à rede de referência, através da qual outras entidades transmitem à APAV informações sobre ocorrências de crimes, de salientar que em 28,5% dos casos essa iniciativa partiu das próprias famílias ou de amigos.

Durante estes três anos, a APAV realizou 23 cursos sobre "Apoio a Crianças e Jovens Vítimas de Violência sexual", nos quais participaram 408 pessoas, além de ter feito 520 acções de informação e sensibilização junto de 11 mil pessoas, entre alunos, profissionais que intervêm junto de crianças e jovens, forças de segurança ou pais.





Associação apoiou, em média, três crianças/dia, desde 2013

## APAV apoiou mais de 5.600 crianças vítimas de crime desde 2013

### APOIO À VÍTIMA

| Redacção/Lusa |

Quase três crianças por dia foram vítimas de crime e de violência e precisaram da ajuda da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) nos últimos seis anos, sendo que em 2018 foram mais de 900.

De acordo com dados estatísticos da APAV, referentes a crianças e jovens vítimas de crime e de violência entre 2013 e 2018, a associação ajudou 5.628 vítimas no global dos seis anos, o que dá uma média de 938 crianças por ano, 78 por mês e 2,5 por dia.

Segundo a APAV, 2015 foi o ano com mais vítimas, tendo havido 1.084 crianças e jovens que recorreram à associação. A partir daí o n.º tem vindo a diminuir, pas-

sando de 826 em 2016 e 810 em 2017, para aumentar novamente em 2018 para 941 vítimas. Foram registados 9.539 crimes, uma média de 1.590 por ano, igual a 2015 que esse número foi mais elevado, com registo de 1.991 crimes.

Olhando para 2018, a APAV contabilizou 1.504 crimes, mais 218 do que em 2017, o que representa um aumento de 17%. Relativamente à caracterização das vítimas, a APAV mostra que, para todos os anos, a maioria são raparigas, sendo que é em 2018 que a diferença entre géneros é mais acentuada, numa relação de um rapaz para cada duas raparigas, já que apoiaram 628 meninas e 312 meninos. Entre as 941 crianças e jovens apoiados no ano passado, 389 tinham até dez anos.





Sónia Leite tinha 38 anos e foi baleada pelo ex-marido, tendo perdido a vida já no hospital

DREAMSTIME

## Lista de vítimas mortais por violência doméstica continua a crescer

A mulher que perdeu a vida atingida pelo ex-marido em Amarante já teria apresentado queixas por violência doméstica. APAV defende que é preciso perceber “aquilo que não está a ser bem feito nem é eficaz”.

BEATRIZ DIAS COELHO  
beatriz.coelho@ionline.pt

Sónia Leite, de 38 anos, estava com o atual companheiro, de 46, quando o ex-marido os surpreendeu junto à pastelaria Delícia da Avó, em S. Gens, Amarante. A primeira vítima foi o homem, proprietário do espaço: foi atingido na cabeça e morreu no local. Sónia foi baleada na zona do peito e ficou com ferimentos graves no tórax. Entrou em paragem cardiorrespiratória e acabou por morrer já no Hospital São João, no Porto, para onde fora transportada pelo INEM.

De acordo com o *Correio da Manhã*, o ciúme estará na base do duplo homicídio e, segundo a *Sic Notícias*, a mulher já tinha

mesmo apresentado várias queixas por violência doméstica contra o anterior companheiro. Ontem o homicida continuava em fuga.

A confirmar-se o historial de violência doméstica, Sónia passa a ser a décima terceira mulher a morrer, este ano, no contexto de um fenómeno complexo que, só nos primeiros dois meses do ano, tirou a vida a 11 mulheres. Este ano, de resto, o fenómeno já tirou também a vida a uma criança e a um homem. No total, em 2018, foram assassinadas 28 mulheres em contexto de violência doméstica – um número proporcionalmente muito superior se comparado com o da vizinha Espanha, por exemplo, onde de acordo

com o jornal *El País* 47 mulheres foram assassinadas no mesmo âmbito em 2018.

Números à parte, a ministra da Justiça, Francisca Van Dunem, admitiu ontem classificar os crimes de violência doméstica como tortura. “É uma questão a ser analisada” no âmbito “de convenções e tratados de que Portugal faz parte”, afirmou durante a inauguração do Espaço de Intervenção e de Assessoria no Combate à Violência da Comarca de Lisboa Oeste.

Com o ano ainda a meio, dificilmente a lista ficará por aqui. Por isso, para Daniel Cotrim da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), “é preciso olhar, por um lado, para aquilo que motivou as situa-

ções, e por outro perceber que ainda temos muito que fazer enquanto sistema de apoio, especialmente quando este ano têm morrido tantas mulheres vítimas de violência doméstica”. O psicólogo defende que é necessário perceber “aquilo que não está a ser bem feito nem é eficaz”, levantando mesmo a hipótese de serem aplicadas “medidas urgentes de proteção às vítimas quando elas apresentam a sua denúncia junto do sistema de justiça”.

Não são poucos os casos em que as vítimas já tinham, no passado, apresentado queixa do agressor, e Daniel Cotrim mostra-se preocupado com a possibilidade de isso trazer “desconfiança” em relação à justiça e aos sistemas de apoio – até porque muitas queixas acabam arquivadas.

E devem estes casos continuar a ser noticiados ou a sua divulgação pode levar a um aumento dos números? “O que sabemos do ponto de vista científico é que, neste tipo de crimes, há uma tendência para o mimetismo social, para a reprodução social. E, ao mesmo tempo, sabemos que estas situações são muitas vezes usadas pelos próprios agressores para continuarem a perpetrar a violência, ameaçando as vítimas com um discurso do género “vês, não vale a pena fazeres nada porque pode acontecer-te isto””, explica. Contudo, Daniel Cotrim não duvida que “é importante que estas notícias sejam dadas”, num tom moderado e não sensacionalista, “colocando-se a tônica também nos mecanismos de apoio que existem, como as organizações e a polícia. A APAV, por exemplo, tem a linha 116 006 para apoiar as vítimas”.

**A confirmar-se o historial de violência doméstica, Sónia é a 13ª vítima do ano**

**Ministra da Justiça admite classificar crimes de violência doméstica como tortura**



May 3, 2019

## APAV & Nariz Vermelho | Workshop "O Direito de Ser Solidário: Mecanismos de Reforço da Consignação do I.R.S."

Formação e Congressos

CONVITE

### WORKSHOP



#### O DIREITO DE SER SOLIDÁRIO MECANISMOS DE REFORÇO DA CONSIGNAÇÃO DO I.R.S.

Temos o prazer de convidá-lo/a para este workshop, a realizar no dia 16 de maio, às 14h, no Auditório do Museu Coleção Berardo (piso -1).

**Museu Coleção Berardo**  
Praça do Império  
1449-003 Lisboa

Entrada livre, sujeita a confirmação através do e-mail:  
[comunicacao@apav.pt](mailto:comunicacao@apav.pt)



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e a Operação Nariz Vermelho promovem o Workshop "O Direito de Ser Solidário: Mecanismos de Reforço da Consignação do I.R.S.". Temos o prazer de convidá-lo/a para este workshop, a realizar no dia 16 de maio, às 14h, no Auditório do Museu Coleção Berardo (piso -1), em Lisboa.

Entrada livre, sujeita a confirmação através do e-mail: [comunicacao@apav.pt](mailto:comunicacao@apav.pt).

[Programa \(PDF\)](#)

## Relações online debatidas em Lisboa

Texto J.B. | Foto APAV | 13/05/2019 | 15:07



O debate é promovido pela APAV e vai contar com a intervenção de especialistas de diversas áreas

IMAGEM

A+ A- ENVIAR IMPRIMIR COMENTAR PARTILHAR

PORTUGAL ANTERIOR SEGUINTE

Os «Riscos nos relacionamentos online» vão estar em análise no decorrer de um seminário-debate, promovido pela «Formação – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)», e que vai decorrer na próxima quinta-feira, 16 de maio. A iniciativa terá lugar nos serviços centrais da sede da APAV, em Lisboa, entre as 10h00 e as 13h00.

O objetivo da formação passa por «alertar o público em geral para os perigos escondidos neste tipo de relacionamentos», conforme explicam os serviços de comunicação da associação promotora do encontro, adiantando que a participação no evento é «gratuita e limitada à lotação da sala», podendo a [inscrição](#) ser feita online.

Ao longo da manhã, os participantes vão poder escutar João Lázaro, presidente da APAV, Daniel Cotrim, psicólogo, Pedro Vicente, coordenador de investigação criminal/UNC3T na área da cibercriminalidade, Ricardo Estrela, gestor-operacional da linha «Internet segura» e «Linha alerta», e Sónia Caridade, investigadora e professora na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa.



## Violência doméstica tem peso "preocupante" entre os crimes de homicídio em Portugal



🕒 13.05.2019 08h51

Em quase um terço dos casos acompanhados pela APAV há um relacionamento de intimidade entre vítima e agressor.

A violência doméstica tem um peso “preocupante” entre os crimes de homicídio em Portugal e em quase um terço dos casos acompanhados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima há um relacionamento de intimidade entre vítima e agressor.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) tem há seis anos uma Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio, que este ano passou também a incluir as vítimas de terrorismo, a par de um Observatório de Imprensa de Crimes de Homicídio em Portugal e de Portugueses no Estrangeiro (OCH), criado em 2014 para melhor compreender o fenómeno.

Segundo o [relatório anual referente a 2018](#) da Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio e Vítimas de Terrorismo, a que a Lusa teve acesso, entre os crimes acompanhados destacam-se “as relações de proximidade entre os autores e as vítimas de crime”, sendo de “destacar as relações de intimidade entre autores e vítimas”.

*“Os relacionamentos entre cônjuges, namorados, ex-namorados, companheiros e ex-companheiros representam 31,25% da totalidade dos diferentes tipos de relacionamentos”, refere a APAV.*

De acordo com a organização, “este número remete para a importância que a violência doméstica tem para a produção de crimes de homicídio em Portugal”.

### **RELAÇÃO DE INTIMIDADE ENTRE AGRESSOR E VÍTIMA**

Analisando os **28 casos de homicídios tentados** acompanhados pela Rede de Apoio, os números mostram que quase 40% deles (11) têm na origem uma relação de intimidade entre agressor e vítima, com quatro casos cometidos pelo cônjuge, três pelo companheiro, outros três pelo ex-companheiro e um pelo namorado.

Já entre os **20 casos de homicídios consumados**, a percentagem chega aos 20%, com dois casos cometidos pelo cônjuge da vítima, um pelo companheiro e o outro pelo ex-companheiro.

Em declarações à agência Lusa, o responsável pela Rede de Apoio apontou que “é preocupante” a questão de proximidade entre autor do crime e vítima e como isso ocupa uma “fatia bastante grande” entre os homicídios reportados.

Bruno Brito apontou que os dados do OCH mostram que houve **87 casos de homicídio em Portugal no ano passado, 32 (36,78%) dos quais em contexto de violência doméstica, 20 (23%) dos quais com vítimas mulheres.**

Ou seja, **quase um em cada quatro homicídios são de uma mulher em contexto de um relacionamento de intimidade** e perto de 37% dos homicídios ocorridos em Portugal “têm como ponto comum a existência de violência doméstica”.

Relativamente às 20 mulheres mortas no ano passado, Bruno Brito explicou que o procedimento é de verificar se a vítima estava a ser ou tinha sido acompanhada pela associação, sendo que só muito raramente isso aconteceu.



“Isto é muito preocupante porque sabe-se que na maior parte das vezes a situação de violência doméstica não acontece apenas numa situação de crime único, ou seja, quando acontece uma situação de homicídio, isto decorre na sequência de uma escalada de violência”, salientou.

De acordo com o responsável, isto demonstra que “de alguma forma, a sociedade ainda esconde estas situações”, que só se tornam visíveis numa forma mais extremada, como homicídio.

### **HOMICÍDIOS DE PORTUGUESAS NO ESTRANGEIRO**

Bruno Brito aproveitou para chamar a atenção para os **25 casos de homicídios de portugueses no estrangeiro**, cinco deles na Venezuela, três no Brasil, mas também dois na Síria, em combate pelo grupo terrorista Daesh, quatro em Inglaterra ou dois na Bélgica.

O responsável salientou que, nestes casos, a maior dificuldade está em identificar e contactar as famílias para lhes poder oferecer algum tipo de apoio, sendo que muitas vezes nem conseguem chegar à fala com essas pessoas.

Acrescentou que a APAV continua a tentar estabelecer parcerias com as autoridades nacionais, estando a aguardar que seja possível chegar a um protocolo oficial com o Ministério dos Negócios Estrangeiros para que passe a haver um procedimento sistematizado e todas as situações de portugueses assassinados no estrangeiro possam ter o mesmo tipo de acompanhamento.

Os dados da Rede de Apoio mostram ainda que, em 2018, foram apoiadas 68 pessoas, uma parcela das 531 ajudadas ao longo dos últimos seis anos por causa de 418 crimes reportados e por causa das quais foram feitos 3.486 atendimentos.

Entre as pessoas apoiadas, tanto devido a homicídios tentados como consumados, a maioria eram mulheres, enquanto os alegados autores eram sobretudo homens.

Lusa

Alentejo

## APAV apoiou mais de 200 vítimas no Alentejo em 2018 (c/dados)



Publicado em Regional | 14 maio, 2019 | Imprimir

[Partilhar](#) [Gosto 37](#) [Share](#)

A APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) apoiou 212 vítimas na região Alentejo em 2018, segundo dados do relatório anual.

Destas, destaque para o distrito de Portalegre onde se contabilizaram mais de metade dos casos (128) registados na região.

A APAV tornou também público o relatório da Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio e Vítimas de Terrorismo, ano em que a instituição de apoio à vítima realizou 1218 atendimentos, que dá conta de um total de 87 casos de homicídio em Portugal no ano passado, 32 (36,78%) dos quais em contexto de violência doméstica, 20 (23%) dos quais com vítimas mulheres. Neste âmbito, os dados do Observatório de Imprensa de Crimes de Homicídio em Portugal e de Portugueses Mortos no Estrangeiro (OCH) mostram que em 2018, a rede acompanhou 6 processos no Alentejo, sendo 3 no distrito de Évora e 3 no distrito de Portalegre.



## Prevenção «é indispensável» no “combate” à violência

Vice-presidente da Câmara de Braga na abertura de Jornadas organizadas pela APAV

14 mai 2019

 Gosto 0

 Tweetar







Firmino Marques, vice-presidente da Câmara de Braga, realçou hoje que a prevenção «é indispensável» para se reduzir ou eliminar as várias formas de violência na sociedade.

O autarca fez este sublinhado na abertura das II Jornadas de Braga Contra a Violência, que decorreram no Campus de Gualtar da Universidade do Minho, numa organização da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) que esta semana divulgou o relatório de 2018 da Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio e Vítimas de Terrorismo.

O responsável pelo pelouro das Políticas Sociais do município asseverou que a autarquia bracarense «está atenta» a esta temática e tem feito um «esforço enorme» com as entidades que compõem a Rede Social para «acompanhar e dotar de respostas as instituições».

[Notícia completa na edição impressa do Diário do Minho]

## O Instituto Superior de Serviço Social do Porto - ISSSP assinou um protocolo de formação com Centro de Formação da APAV

---

O Instituto Superior de Serviço Social do Porto - ISSSP assinou um protocolo de formação com Centro de Formação da APAV

O Instituto Superior de Serviço Social do Porto - ISSSP assinou um protocolo de formação com Centro de Formação da APAV, de forma a desenvolver em conjunto cursos formação nas áreas temáticas de Técnico de Apoio à Vítima, Pessoas Idosas Vítimas de Crime e Menores Vítimas de Crime.

O presente Protocolo visa a concertação de esforços e a integração de contributos das duas Instituições, para aperfeiçoamento dos percursos formativos dos estudantes do ISSSP e de todos os profissionais das Ciências Sociais.



Bebés/Crianças

## Abusos sexuais: Os comportamentos e os traumas comuns de uma criança abusada



Redação  
publicado há 2 semanas

0 

A realidade no que toca a crianças e o abuso sexual de que muitas são alvo tem ganhado contornos inexplicáveis. Na comunicação social, as notícias que dão conta de uma violação ou de um abuso sexual tornaram-se uma constante.

Segundo as estatísticas realizadas pela [Associação Portuguesa de Apoio à Vítima \(APAV\)](#), entre 2013 e 2017 registaram-se 3 594 vítimas de crimes sexuais, entre as quais 752 crianças. Destas, cerca de 92 por cento são do sexo feminino.

De modo a perceber de que forma um crime sexual influencia a vida, o desenvolvimento e o crescimento de uma criança, falámos com a psicóloga criminal Maria Louro e a criminóloga da APAV, Carla Ferreira. As especialistas explicam quais são os comportamentos mais comuns – que indiciam um abuso sexual ou que indicam que algo se passa – e quais os traumas que influenciarão na construção da personalidade da criança numa idade mais adulta.





SOCIEDADE

## Caixa Social apoia 19 projetos em 500 mil euros

Ruben Pires 18 Maio 2019, 14:12

32  
PARTILHAS



Os prémios Caixa Social têm por objetivo financiar projetos sociais que ajudem a mitigar a pobreza, que favoreçam a inclusão e promoção de iniciativas empreendidas por entidades do terceiro setor.

A Caixa Geral de Depósitos (CGD) através dos na primeira edição prémios caixa social vai apoiar 19 projetos numa quantia total de 500 mil euros. Foram recebidas cerca de 600 candidaturas enquadrados em eixos como inclusão económica e criação de emprego, inclusão económica e solidariedade, inclusão digital e financeira, educação e conhecimento.

Os prémios Caixa Social têm como objetivo financiar projectos sociais, que sejam inovadores, replicáveis e que ajudem a mitigar a pobreza, e que favoreçam a inclusão e promoção de iniciativas empreendidas por entidades do terceiro setor.

Estes foram os projetos premidas pela CGD.

### Inclusão Económica e Criação de Emprego

- Polo de Lisboa (U.Dream)
- BIODKairós – Produção e Comercialização de Hortícolas e Plantas aromáticas e medicinais Biológicas (Kairós-Cooperativa de Incubação de Iniciativas de Economia Solidária)
- O meu pé de laranja lima (Adenorma – Associação para o Desenvolvimento da Costa Norte da Madeira)
- Um Caminho, Um Futuro (APSA – Associação Portuguesa de Síndrome de Asperger)



### **Inclusão Social e Solidariedade**

- Quinta Social da ASISM – Oficina (Associação de Surdos da Ilha de São Miguel)
- We guide (Associação Terra dos Sonhos)
- Companhia de Teatro 21 EM CENA (Pais 21)
- Projeto TPC (JRS Portugal – Serviço Jesuíta aos Refugiados – Associação Humanitária)
- Ciganos, cidadãos do mundo (Tenaz, Associação para o Desenvolvimento do Concelho de Avis)

### **Inclusão Digital e Financeira**

- Infovítimas inclusivo (APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima)
- Digital-In (Associação da Região do Douro para Apoio a Deficientes)
- Gest-BeCap (Associação Quinta das Pontes)
- Olhó o Robot ! (JAZZ ao Centro)
- Ativamente Sénior (Santa Casa da Misericórdia de Macedo de Cavaleiros)

### **Educação e Conhecimento**

- Projeto Tum,Tum,Tum (Centro Social de Soutelo)
- Qualis- Construir Saber (Associação CLIP – Recursos e Desenvolvimento)
- Academia Sénior Avós e(m) Companhia / Academia de Saberes (Centro Sagrada Família)
- Contas de somar (Associação Amigos de São Manços)
- TEACH + (Teach For Portugal Associação)

### ABUSOS SEXUAIS: OS COMPORTAMENTOS E OS TRAUMAS COMUNS DE UMA CRIANÇA ABUSADA

19 MAIO, 2019



Saiba como perceber se uma criança foi ou está a ser abusada sexualmente pelos comportamentos que tem.

A realidade no que toca a crianças e o abuso sexual de que muitas são alvo tem ganhado contornos inexplicáveis. Na comunicação social, as notícias que dão conta de uma violação ou de um abuso sexual tornaram-se uma constante.

Segundo as estatísticas realizadas pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), entre 2013 e 2017 registaram-se 3 594 vítimas de crimes sexuais, entre as quais 752 crianças. Destas, cerca de 92 por cento são do sexo feminino.

De modo a perceber de que forma um crime sexual influencia a vida, o desenvolvimento e o crescimento de uma criança, falámos com a psicóloga criminal **Maria Louro** e a criminóloga da APAV, **Carla Ferreira**. As especialistas explicam quais são os comportamentos mais comuns – que indiciam um abuso sexual ou que indicam que algo se passa – e quais os traumas que influenciarão na construção da personalidade da criança numa idade mais adulta.

«Não é uma coisa que acontece só nas famílias socioeconómicas desfavorecidas nem pessoas que vivem em situações de precariedade económica», começa por referir a criminóloga. «Mais de 60 por cento das situações que são reportadas [à APAV] são de abuso sexual de crianças», acrescenta.

Embora no senso comum se pense que apenas em famílias mais desfavorecidas acontecem crimes deste tipo a verdade está longe de ser essa. Basta que um agressor esteja motivado a cometê-lo que tem início o pesadelo para o(a) menor.



«Há uma tendência para termos mais meninas vítimas do que rapazes», afirma. A razão pode ser justificada com as estatísticas que referem que o número de homens agressores sexuais é maior que o número de mulheres.

## «Manifestações de raiva inesperada, pânico e um medo irracional»

O ser humano tem, desde o momento em que nasce até ao que morre, um padrão de comportamento comum. Quando algo não está bem é natural que o comportamento se altere e, no que toca às crianças, é importante perceber alguns sinais.

### Alterações fisiológicas

«Podemos falar de alterações fisiológicas, nomeadamente insónias, terrores noturnos, passar a fazer xixi na cama – coisa que não fazia ou que nunca fez – portanto há aqui manifestações comportamentais. Dores de barriga, vomitar, por exemplo», refere a psicóloga.

### Alterações psicológicas

«Depois do ponto de vista psicológico a questão da raiva, muitas vezes uma tristeza profunda, o sentimento de estar só. O isolamento em relação aos outros, mesmo na própria escola. Procuram situações em que se sintam mais seguros ou mais protegidos. Ou então miúdos que tinham, aparentemente, um comportamento social adequado passa a ser ele desadequado. Por exemplo, dentro da sala de aula têm manifestações comportamentais desajustadas, como responder mal. Por vezes até do ponto de vista do aproveitamento escolar. Bons alunos que depois deixam de ser bons alunos», diz.

«Embora quando falamos de crianças por vezes seja mais complicado de perceber, o que é certo é que, à partida, não será uma criança alegre. Geralmente são crianças mais recatadas, mais no seu cantinho, muitas com uma tristeza muito presente. Às vezes têm manifestações de raiva inesperada e/ou, em situações em que não era suposto, demonstram pânico e um medo irracional. Com isto não quer dizer que estas alterações não sejam resultado de outro tipo de situação, no entanto quando as mesmas acontecem algo se está a passar», esclarece.

## «É na família que eu aprendo a confiar no outro»

«A maior parte dos abusos sexuais são cometidos dentro da família. E quando falamos de família entendemos que é a primeira instância socializadora, aquela com que nós estabelecemos laços. É aqui a questão da vinculação. Muitas vezes estabelecem-se aqui vínculos inseguros, que à partida deviam ser seguros. É na família que eu aprendo a confiar no outro, que eu posso confiar, que a relação com o outro é segura. Ora, se na própria família ou com aqueles que eu deveria poder confiar, é onde acontece o abuso claro que depois um dos traumas é essa desconfiança. E, muitas vezes, são pessoas que precisam de ajuda do ponto de vista psicológico e psiquiátrico. Os traumas muitas vezes são essa desconfiança constante, o não ser capaz de controlar a ansiedade. O abuso até pode ter ocorrido há muito tempo mas o que é certo é que não desaparece da memória. E uma coisa que se verifica nos estudos é que a questão do abuso sexual perdura na memória durante anos ou uma vida inteira», explica.

**Leia mais [aqui](#).**



BELEZA

## AVON doa 12 mil euros à APAV

Quarta-feira, 22 Maio 2019

JOANA CABRITA

A AVON, marca de cosmética, vai doar **um total de 12 mil euros** à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). O *Delas.pt* falou com Carmen Rasquete, **secretária-geral da APAV** e com Susana Pereira, **responsável da AVON** em Portugal, sobre a importância desta parceria.

O apoio da AVON a causas próximas do bem-estar das mulheres “sempre fez parte da estrutura da marca”, afirma o gigante da cosmética em comunicado de imprensa. Desde 2009 que se associa e ajuda a APAV, nomeadamente **através da venda de produtos cujas receitas revertem a 100% para esta causa.**

Segundo a responsável pela AVON, Susana Pereira, esta iniciativa enquadra-se na *Campanha Global contra a Violência Doméstica* e é “levada a cabo pela AVON **em todos os países onde se encontra**, sendo que passa pela venda de produtos cujas **receitas revertem a 100%** para a APAV e pelo apoio a programas de consciencialização, educação e prevenção com um impacto direto na violência doméstica”, explica.

Nesta quarta-feira, dia 22 de maio, e sexta-feira, 24 de maio, a AVON organiza uma **ação de sensibilização para cerca de 150 revendedores** em Lisboa, no Hotel Fénix (Marquês de Pombal) e no Porto (Hotel Ipanema Campo Alegre), respetivamente, sobre a temática. A ocasião servirá para a marca entregar um cheque de **12.000€ à APAV.**

### Este é o destino dos donativos da AVON

**Carmen Rasquete**, Secretária-Geral da APAV, afirmou ao *Delas.pt* que “o donativo da AVON terá como destino as **estruturas de acolhimento da APAV**, que abrigam mulheres e crianças **vítimas de violência doméstica**. Estes espaços têm como propósito garantir, em situação de crise, a proteção e segurança imediata das vítimas, prevenindo novas situações de vitimação, promover a reestruturação do projeto de vida e assegurar a autonomização, independência e reintegração social das vítimas”, explicou.

Tal como refere a responsável, estas estruturas de acolhimento **acompanham de forma personalizada** cada vítima, entendendo e adequando os meios às suas necessidades, para além “da garantia das suas **necessidades básicas** como a alimentação, educação, formação, entre outras”.



A Secretária-Geral da APAV afirmou ainda que gostaria de fazer novas parceiras com a marca feminina AVON, defendendo que **“o combate à violência doméstica, bem como a consciencialização e sensibilização da sociedade para os fenómenos da vitimação são uma preocupação da AVON e que os valores e princípios desta marca se alinham, em grande medida, com os da APAV, esperamos ter novas iniciativas no futuro”**.

Também Susana Pereira, responsável da AVON em Portugal, mostrou o mesmo desejo. “Este é o décimo ano consecutivo que apoiamos esta causa e o nosso objetivo é continuar com este apoio”, afirmou, acrescentando ainda que **“entre 2009 e 2018, a AVON conseguiu angariar 81 mil euros para a APAV”**.


A responsável da marca falou ainda sobre a importância desta parceria, admitindo que “sendo a AVON uma empresa feita maioritariamente de mulheres e dirigida a mulheres, sente que **deve participar na luta contra um problema que assola a sociedade portuguesa e parece estar longe de abrandar**”. Por isso, “a missão é ajudar a APAV a criar espaços onde as mulheres se sintam seguras e protegidas, num ambiente de paz e solidariedade”.

Carmen Roquete também frisou a importância desta parceria para a APAV, afirmando que “enquanto instituição de Solidariedade Social, sem fins lucrativos, **é muito importante contar com o apoio das demais entidades empresariais presentes na sociedade civil**”. A representante fala ainda sobre a temática da **responsabilidade social**, afirmando que esta parceria espelha bem esta consciencialização.



## Violência doméstica e discriminação sobem a palco pelo Teatro Experimental de Cascais

28-05-2019 17:20 | País  
Porto Canal com Lusa

 Like Sign Up to see what your friends like.

Lisboa, 28 mai 2019 (Lusa) - A violência doméstica e a discriminação são o tema da peça "Sobreviventes", escrita por Tito Lívio e encenada por Carlos Avilez, que o Teatro Experimental de Cascais (TEC) estreia na quarta-feira, na cadeia da Divisão Policial de Cascais.

A peça de teatro, que vai estar em cena até dia 09 de junho, será acompanhada de uma série de colóquios sobre o tema, com dirigentes da polícia e elementos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), anunciou o TEC.

"Sobreviventes" é uma história que coloca no centro as mulheres, que continuam a ser discriminadas diariamente por todo o mundo, adianta a companhia.

A peça foca a discriminação feminina no emprego, nos salários, nos direitos e privilégios, nos padrões de comportamento, no seio das várias igrejas, em casa e no amor, nas empresas e na política, numa educação e moral sexistas, que lhes veda o acesso pleno à educação, à visibilidade e ao conhecimento e, portanto, à participação plena em sociedade, refere o TEC.

Tito Lívio destaca que a "peça é uma homenagem a essas mulheres maltratadas pelos homens ou pela sociedade em que vivem, mas que, apesar dos seus traumas e dores, souberam seguir em frente e encontrar a sua própria voz e caminho", acrescenta.

Este é um tema muito presente na vida do autor, que desde muito jovem teve contacto com a violência doméstica: do pai em relação à mãe e a ele próprio, como contou à Lusa.

Esta realidade manteve-se sempre presente na sua vida, quer através de casos passados com amigas, quer com os alunos da universidade, na escola de teatro e cinema, onde dá aulas e onde tem presenciado um aumento da violência doméstica entre os jovens, acrescentou.

Daquilo que era a ideia inicial para a peça, e por sugestão do encenador Carlos Avilez, houve uma extensão para o universo masculino e também para o homossexual, onde estes casos têm vindo a aumentar ou, pelo menos, a ganhar mais visibilidade.



"Primeiro, a peça era só com casos de mulheres", mas, depois, o âmbito foi alargado, "visto que este ano há cinco homens que foram mortos pelas companheiras, e outros maltratados física e psicologicamente, porque a violência feminina é sobretudo psicológica".

Há também um caso entre um casal gay, de homens, que retrata uma realidade existente, mas "muito ocultada, porque ser gay já é uma estigmatização, mas sendo violência doméstica, acresce uma outra".

Contudo, ressalva, "a maior parte dos textos tem, por protagonistas, mulheres".

Em termos de encenação, Tito Lívio conta que a peça consiste essencialmente em monólogos baseados "na realidade, que ultrapassam largamente qualquer ficção", e em que "as pessoas [atores e público] vão percorrendo a esquadra".

"Tem também música, tem canções cantadas por três das atrizes, algumas vezes à capela, outras acompanhadas ao piano", afirmou, mostrando-se convicto de que a encenação "vai surpreender muita gente".

Tito Lívio salvaguarda que as personagens não são abordadas de forma muito dramática, porque o objetivo não é que suscitem pena, mas que mantenham sempre a dignidade.

O final, garante, "é impactante", é "um fim coral, em que entram todas as personagens com os seus traumas, um final que põe as pessoas frente a uma realidade que são autênticos crimes de ódio", contou, sublinhando que "quis colocar isso bem em evidência".

"Sobreviventes" conta com as interpretações de Domingos Pinto Coelho, João Gaspar, Maria José Paschoal, Paula Sá, Soraia Tavares e Teresa Côrte-Real, que, de quarta-feira e domingo, a vão apresentar na Divisão Policial de Cascais.

No dia da estreia está previsto um debate, para o qual o público é chamado a participar, com a presença do comandante de divisão, Norberto Gomes, com o Comandante da Esquadra de Investigação Criminal, João Alves, e com a adjunta da Esquadra de Investigação Criminal (gestora de processos de violência doméstica), Cláudia Fonseca.

Para o dia 01 de junho, está prevista uma conversa com Daniel Cotrim, assessor técnico da Direção da APAV e responsável pela área da Violência Doméstica e de Género nesta associação, enquanto o dia 09 -- último dia de atuação - ficará marcado por uma conversa com Carolina Gomes, gestora do Gabinete de Apoio à Vítima de Cascais da APAV.

## Gabinete de Apoio a Vítimas de Violência de Género de Faro entra em funcionamento

diariOnline RS 28 Mai 2019 19:04 Sociedade

O Gabinete de Apoio a Vítimas de Violência de Género (GAV) do Departamento de Investigação e Ação Penal (DIAP) de Faro entrou hoje, terça-feira, 28, em funcionamento.

Este GAV está instalado nas secções de Faro daquele departamento e integra uma técnica da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Trata-se de uma resposta que assegura, em continuidade, atendimento, informação, apoio e encaminhamento personalizado de vítimas de violência doméstica e de género, com vista à respetiva proteção.

Este gabinete foi criado em março, através de protocolos celebrados entre o Ministério da Justiça e a Procuradoria-Geral da República e entre estas duas entidades e a APAV.



### **Portalegre: 18 crianças foram vítimas de violência sexual nos últimos dois anos**



Dezoito crianças foram vítimas de violência sexual nos últimos dois anos, no distrito de Portalegre.

Mais de 80 por cento das vítimas são meninas, entre os oito e os 14 anos, e a maioria dos crimes ocorreu em contexto familiar.

Os dados da Rede Care foram confirmados à Rádio Portalegre por Carla Ferreira, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

No Alto Alentejo, os casos foram reportados a partir de junho de 2017 e mantem-se em acompanhamento pelas equipas da APAV, através da Rede Care, de apoio a crianças e jovens vítimas de violência sexual.

Olhando para os números, Carla Ferreira acrescenta que a realidade do Alto Alentejo não é muito diferente da verificada a nível nacional.

A nível nacional, nos últimos três anos mais de 800 crianças foram vítimas de violência sexual, o que perfaz uma média de 22 crimes por mês.

Carla Aguiã/Susana Mourato



## Renovação do protocolo para a Territorialização da Rede Nacional da APAV, esta quinta-feira no IPP

29/05/2019



A cerimónia de renovação do protocolo para a territorialização da Rede Nacional de Apoio às Vítimas de violência doméstica decorre amanhã, quinta-feira, dia 30, às 15 horas no Auditório do Instituto Politécnico de Portalegre, que conta com a presença da Secretária de Estado para a Cidadania e Igualdade, Rosa Monteiro.

De forma a assegurar as condições que garantam uma cobertura nacional equilibrada e qualificada da rede nacional de apoio à vítima de violência doméstica, bem como a articulação e o trabalho em rede dos serviços e respostas já disponíveis, ou a criar, tendentes à melhoria da sua eficácia e eficiência, irão ser assinados os novos Protocolos de Territorialização da Rede Nacional de Apoio às Vítimas de Violência Doméstica.

Nesta sessão, será dada continuidade ao trabalho desenvolvido até ao presente pelos dois gabinetes de Apoio à Vítima a operar no território Alto Alentejo, o Núcleo de Atendimento a Vítimas de Violência Doméstica da Cruz Vermelha Portuguesa – Delegação de Portalegre; e o Gabinete de Apoio à Vítima do Alto Alentejo Oeste da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

De recordar que o primeiro protocolo foi assinado a 24 de janeiro de 2017 e foi a partir deste que se iniciou o processo de territorialização das respostas de prevenção, proteção e combate à violência contra as mulheres e à violência doméstica, a eliminação dos estereótipos e o combate à discriminação. Este trabalho é efetuado através da ação em rede, multidisciplinar, intersectorial e numa perspetiva interseccional da intervenção e da problemática no território Alto Alentejo.





## Corrida da Solidariedade: 10 km para ajudar a APAV

As inscrições já abriram. O percurso é junto ao rio Tejo, em Lisboa.



08/02/2016 às 12:18



texto: Ana Luísa Bernardino

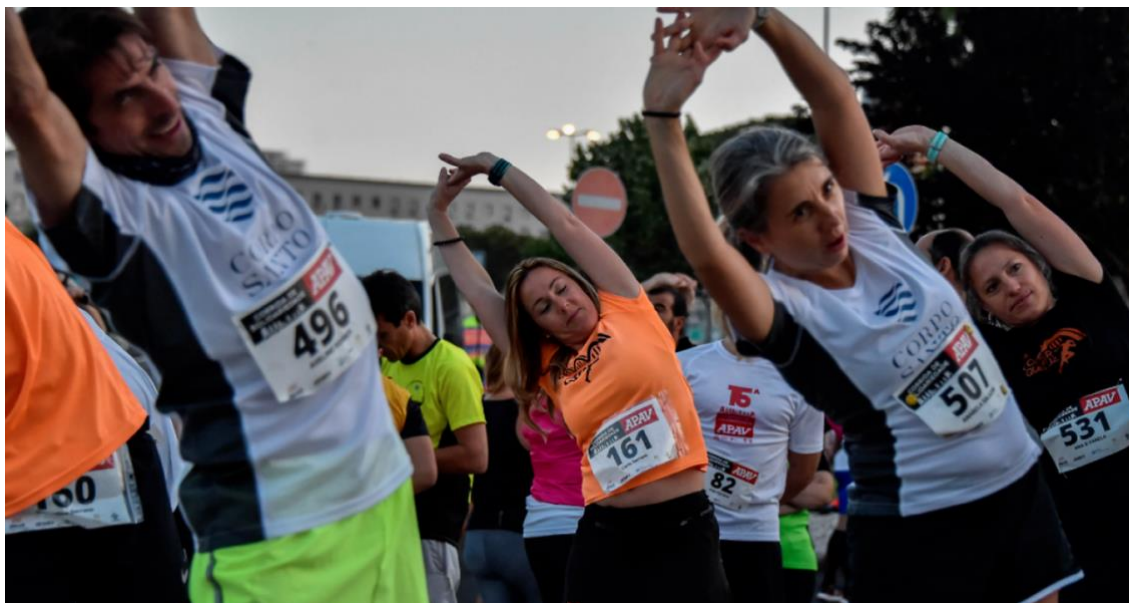
**A**judar quem precisa e queimar calorias: cá está uma boa ideia. E quem precisa é a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), e os que vão queimar calorias só vão ter de correr dez quilómetros, aqui com umas aspas no “só”, porque nem toda a gente tem preparação para fazer a distância com uma perna às costas. A prova começa na Rua 1.º de Maio (perto do Largo do Calvário), vai sempre junto ao Tejo até ao Mercado da Ribeira, perto do Cais do Sodré, e volta para trás em direção a Algés. Há aí um retorno e a prova termina na Praça do Império, em frente a Mosteiro dos Jerónimos. Para quem não gosta de correr, há outra hipótese: a chamada Marcha das Famílias, uma caminhada de 3,5 quilómetros.

A 13ª **Corrida de Solidariedade** ISCP SI acontece a 13 de março, com a partida a ser dada às 9h30. A todos os participantes é entregue um dorsal, com chip integrado, que é o que depois regista o lugar em que cada pessoa ficou, no final da prova. Deverá ser levantado entre 11 e 13 de março: **nos dois primeiros dias entre as 15 horas e as 21 horas e no dia da prova entre as 7 horas e as 8h30**. Além do dorsal, todos os participantes vão receber um kit de participação com um saco, uma T-shirt e outros brindes.

As inscrições para a corrida e para a marcha têm o valor de 8€, já estão abertas e podem ser feitas **online**, até 7 de março, às 23h59, que é a data limite.

# Corrida de Solidariedade APAV

Coisas para fazer



A TIME OUT DIZ

DETALHES

A VOSSA OPINIÃO

Em 2019, a Corrida é, pela segunda vez, uma corrida nocturna. Há três modalidades diferentes: uma corrida para crianças de 10 km, uma corrida de 10 km e uma caminhada de 5 km. Partem todas a partir da Reitoria da Universidade de Lisboa. Esta é uma iniciativa solidária, com um custo de inscrição que reverte para o apoio diário que a APAV presta às vítimas de todos os tipos de crime e violência.

**Preço: 3€-7€/Kids Race; 8€-12€/Corrida 10 km; 6€-10€/Corrida 5 km.**



## 16ª CORRIDA DE SOLIDARIEDADE APAV

25 de maio - 21:00h

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) é uma instituição particular de solidariedade social, que tem como missão o apoio às vítimas de crime, suas famílias e amigos, prestando-lhes serviços de qualidade, gratuitos e confidenciais e contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas, sociais e privadas centradas no estatuto da vítima.

Partida e chegada junto ao edifício da Reitoria da Universidade de Lisboa

Corrida - 10km | Caminhada - 5 km

[Inscrições](#)

[+info](#)





## Corrida Solidária APAV com um novo formato

Colocado por Henrique Dias | Data: Maio 01, 2018 |  
em: Atletismo, Caminhada, Corrida, Desporto, Estrada, Eventos | Deixar comentário | 728 Views

No próximo dia 26 de maio, pelas 21 horas realizar-se-á a 15ª edição da Corrida Solidária APAV, este ano com um novo formato.

### Associação Portuguesa de Apoio à Vítima ( APAV )

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima ( APAV ) é uma instituição particular de solidariedade social, que tem como missão o apoio às vítimas de crime, suas famílias e amigos, prestando-lhes serviços de qualidade, gratuitos e confidenciais e contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas, sociais e privadas centradas no estatuto da vítima.

Anualmente, a APAV promove uma corrida de solidariedade com o objetivo de incentivar e proporcionar a prática desportiva. Durante 14 anos, esta iniciativa era composta por um trajeto que ligava Alcântara aos Jerónimos, mas este ano os moldes da prova alteraram-se.

A Corrida de Solidariedade da APAV 2018 é organizada em conjunto com a Xistarca, com partida junto ao edifício da Reitoria da Universidade de Lisboa e decorrerá à noite.

À semelhança das edições anteriores, o valor das inscrições reverte a favor da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

### Corrida APAV

O seu novo percurso, onde mantém os 10 quilómetros, é este: Partida na Reitoria da Universidade de Lisboa / Alameda da Universidade / Lisboa – Cidade / Av. Prof. Gama Pinto / Alameda da Universidade / Campo Grande / Entrecampos / Retorno no Campo Grande / Entrecampos / Campo Grande / Alameda da Universidade / Meta na Reitoria da Universidade de Lisboa.





You are here: [Home](#) / [INFORMAÇÕES ÚTEIS](#) / [EVENTOS](#) / [16.ª Corrida de Solidariedade APAV](#)

## 16.ª Corrida de Solidariedade APAV

03.05.19 · [EVENTOS](#), [INFORMAÇÕES ÚTEIS](#), [NOTÍCIAS](#), [SITES ÚTEIS](#)

No dia 25 de maio realiza-se a 16.ª edição da Corrida de Solidariedade da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. A Corrida realiza-se de manhã, com início às 10.00.

A 16.ª Corrida de Solidariedade APAV conta com uma novidade: a Kids Race. Tem início às 9.30 e consiste num percurso de 1 quilómetro, inteiramente dedicado às crianças (até 12 anos) – para que toda a família possa participar!

A Corrida conta com um percurso de 10 quilómetros com cariz competitivo. A APAV promove também a Marcha das Famílias, uma caminhada com um percurso de cinco quilómetros, sem cariz competitivo, com início às 10.05.

A Corrida de Solidariedade APAV tem partida e chegada na Reitoria da Universidade de Lisboa, na Cidade Universitária. Esta é uma iniciativa solidária, com um custo de inscrição que reverte para o apoio diário que a APAV presta às vítimas de todos os tipos de crime e violência.

A iniciativa tem como objetivo promover a prática de hábitos de vida saudáveis e o convívio e, simultaneamente, sensibilizar para a realidade da violência na sociedade e para o apoio às vítimas de crime, bem como para a importância da existência de instituições como a APAV no apoio a estas vítimas.

Este evento solidário é dirigido a famílias, desportistas e a todas as pessoas que desejem apoiar a missão da APAV. É também uma oportunidade para percorrer pedonalmente esta zona nobre da cidade de Lisboa, num momento livre de movimentação e tráfego rodoviário.

A 16.ª Corrida de Solidariedade APAV conta com a organização técnica da Xistarca, com o apoio institucional da Câmara Municipal de Lisboa e com o patrocínio da EPAL – Empresa Portuguesa das Águas Livres e dos Hotéis D. Pedro.

Inscrições: [prozis.com/pt/pt/evento/16-corrída-apav](https://prozis.com/pt/pt/evento/16-corrída-apav)

Mais informações: [www.corridadesolidariedade.org](http://www.corridadesolidariedade.org)

### Corrida (10Km) | Caminhada (5Km)

1º prazo	até 30 abril	8€ 6€
2º prazo	1 a 15 maio	10€ 8€
3º prazo	16 a 21 maio	12€ 10€

[Página da Corrida de Solidariedade no Facebook](#)

[Evento da Corrida de Solidariedade no Facebook](#)

Para mais informações:  
[comunicacao@apav.pt](mailto:comunicacao@apav.pt) | 21 358 79 15

## André Melo e Alexandra Sousa vencem Corrida da APAV

Por Manuel Sequeira - 2019-05-25

👁 142 🗨 0



(Fotos de Paulo Alfar)

***APAV merecia muitos mais participantes mas alteração da hora imposta pelas autoridades policiais retirou muita gente***

Desolação, foi a palavra que nos veio à mente ao ver um número tão reduzido de atletas na partida, numa prova que há escassos três anos, teve 1.565 classificados.



Desolação porque a APAV, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, com um muito importante trabalho no combate a todos os tipos de violência, merecia muito mais.



Compreendemos que a prova não se pudesse disputar amanhã domingo porque é dia de eleições para o Parlamento Europeu. Daí ter sido marcada para a noite de hoje, o que face ao êxito da recente corrida

noturna do Fórum Barreiro, prometia ter um elevado número de participantes. Mas infelizmente, as autoridades policiais não autorizaram que a prova se disputasse à noite devido à realização da final da Taça de Portugal em futebol às 17.15, entre o FC Porto e o Sporting CP com eventuais festejos posteriores.

A prática tem mostrado que as provas disputadas em Lisboa em sábados de manhã têm tido uma reduzida participação, compreensível porque muitos estão a trabalhar ou em compras. Assim que soubemos que a prova se disputava a um sábado de manhã, desvaneceram-se as nossas expectativas em termos muitos participantes.



Ainda assim, classificaram-se 292 atletas, a que há que juntar os participantes na caminhada que teve a distância de 5 km. Antes da prova principal, disputou-se uma Kids Race que teve cerca de meia

dúzia de atletas de palmo e meio que correram cerca de 1.000 metros.

A nível competitivo, André Melo (Correr Lisboa) venceu os difíceis 10 km do percurso em 36m52s, seguido de Frederico Lázaro (Indiv.) a 21 segundos e Nuno Antunes (Urban Run Team) a 1m52s.



Em femininos, Alexandra Sousa (JOMA) repetiu o triunfo obtido em 2017 ao cortar a meta destacada em 39m06s, próxima do terceiro da geral. Os restantes lugares do pódio foram ocupados por Carla Dias (GD Santander Totta) a distantes 4m34s e Carolina Guedes (Indiv.) a 5m58s. Lucinda Henriques foi a última com 1h32m53s. Dos 292 classificados, tivemos 79 do sexo feminino (27%).

### **Excelente organização**

Numa manhã quente, a organização mereceu o agrado geral. Com a partida e meta instaladas na Reitoria da Universidade de Lisboa, tivemos um percurso agradável em que os atletas se cruzaram mais de uma vez, ficando o registo do constante sobe e desce com os três túneis (ida e volta) na Avenida da República. Ainda não tinham chegado os últimos e já estavam a ser distribuídos os prémios.



## **ALEXANDRA SOUSA/JOMA**



Tem 36 anos e é osteopata. Corre há 23 anos e estreou-se numa prova da Milha em Melgaço. Treina quatro vezes por semana e ainda faz natação e ginástica. Prefere provas com 10 km e não esteve lesionada no último ano. Costuma fazer exames médicos de rotina e

tem cuidado com a alimenta o. Gostou do percurso embora o achasse complicado para gerir o ritmo. Classificou a organiza o como "excelente" e foi a grande vencedora da prova com 39m06s.

## **DUARTE ANTUNES/DUARTE STUDIO**



Tem 37 anos e   personal trainer. Corre há três anos e estreou-se na Meia Maratona de Lisboa. Treina uma vez por semana e a sua distância preferida passa pelos 10 km. Costuma fazer exames médicos

de rotina e tem cuidado com a sua alimenta o. Não teve lesões no último ano. Gostou do percurso mas lamentou a altera o da hora da prova. Classificou-se em 121  lugar com 52m24s.

## HENRIQUE ADREGA/CA AMIGOS BELÉM



Tem 66 anos e é economista. Estreou-se a correr aos 16 anos numa prova em Lamego, interrompeu aos 22 anos para jogar rugby e recomeçou aos 32 até agora. Treina quatro vezes por semana e prefere

provas com 10 km. Faz exames médicos de rotina e tem cuidado com a alimentação. Quanto a lesões, tem andado às voltas com uma dor ciática. Achou o percurso difícil e gostou da organização. Foi o 59º da geral com 47m47s.

## RESULTADOS 16ª CORRIDA SOLIDARIEDADE APAV/LISBOA (25/05)

### Masculinos



1º André Melo (Correr Lisboa) 36.52; 2º Frederico Lázaro (Indiv.) 37.13; 3º Nuno Antunes (Urban Run Team) 38.44; 4º Alcides Estrela (Indiv.) 39.08; 5º Samuel Galveia (Navigator Clube

Setúbal) 39.15; 6º Miguel Fernandes (EPAL) 39.24; 7º Tui Tomás (SRCDRF Monte Godel) 39.31; 8º Edson Oliveira (Indiv.) 39.45; 9º José Gomes (Indiv.) 39.49; 10º Gonçalo Ferreira (Indiv.) 40.04



## Femininos



1ª Alexandra Sousa (JOMA) 39.06; 2ª Carla Dias (GD Santander Totta) 43.40; 3ª Carolina Guedes (Indiv.) 45.04; Noémia Sequeira (SS CGD) 45.38; 5ª Maria Castro (Runners de Kintal) 46.34; 6ª Camila Gomes (Indiv.) 47.02; 7ª Eugénia Izaías (Indiv.) 48.58; 8ª Ana Santos (Indiv.) 49.47; 9ª Eugénia Andrade (Indiv.) 50.05; 10ª Sandra Cardoso (AMCS) 50.56

Resultados completos em:

<http://xistarca.pt/resultados/corrída-solidariedade-apav>